

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA - PPGTE

JULIANA DE TOLEDO MACHADO

GLOBAL FORUM AMÉRICA LATINA – Edição Virtual: um exemplo da
chamada Nova Era da Colaboração?

DISSERTAÇÃO

CURITIBA
2012

JULIANA DE TOLEDO MACHADO

**GLOBAL FORUM AMÉRICA LATINA – Edição Virtual: um exemplo
da chamada Nova Era da Colaboração?**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Tecnologia pelo Programa de Pós Graduação em Tecnologia da Universidade Federal Tecnológica do Paraná, Campus Curitiba.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Sonia Ana Charchut Leszczynski

Curitiba
2012

Ficha de catalogação da Biblioteca

AGRADECIMENTOS

Dizem que a gratidão liberta a alma. Chegando ao final deste trabalho, gostaria de agradecer a todos aqueles que estiveram direta ou indiretamente envolvidos no processo de construção.

Falei neste estudo sobre a generosidade coletiva. Seria, portanto, impossível não agradecer a generosidade da Prof^a. Dra. Sonia Ana ao orientar este estudo, bem como a dos componentes da banca, Prof^a. Dra. Faimara do Rocio Strahus, Prof. Dr. Henrique Oliveira da Silva, Prof^a Dr^a Patrícia Lupion Torres e Prof. Mestre Sergio Luiz Cequinel Filho.

Agradeço também à coordenação do PPGTE que entendeu e acatou o meu pedido de prorrogação de prazo para terminar este estudo, bem como aos funcionários da secretaria que sempre me ajudaram e esclareceram minhas dúvidas.

Aos colegas que trabalharam comigo na elaboração e execução do BAWB-GFAL, agradecer seria pouco, por todos os momentos de aflição, incertezas diante de um desafio novo, companheirismo, colaboração, solidariedade, enfim coroados com um feito do qual poderemos nos orgulhar pelo resto de nossas vidas.

Finalmente, agradeço a minha família que sempre foi e será a base de tudo o que eu sou e faço.

RESUMO

MACHADO, Juliana de Toledo. BAWB Global Forum América Latina edição virtual: um exemplo da chamada Nova Era da Colaboração? 2012. 112 f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em Tecnologia. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba. 2011.

Nesta dissertação foi realizado um estudo de caso acerca da Conferência *Business as An Agent of World Benefit*, BAWB – GLOBAL FORUM edição virtual que aconteceu no ano de 2011 com o propósito de buscar e entender se esta se configura como uma inovação social, bem como em um possível exemplo na era da cooperação e generosidade coletiva. Optou-se por realizar uma pesquisa qualitativa, utilizando a metodologia de estudo de caso por meio de observação participante, uma vez que a autora do estudo trabalhou diretamente no processo de concepção e execução da conferência estudada. Buscou-se entender como a tecnologia auxilia na formação das redes sociais, que neste caso, se mobilizaram para divulgar e compartilhar todo o conhecimento que estava sendo exposto. Verificou-se também o poder das redes sociais, uma vez que quando o tema faz sentido para as pessoas, estas abraçam a causa e se engajam, *twitando*, *facebookando* e compartilhando. Para entender a conferência em si, precisamos entender o mundo globalizado, as redes sociais, o uso das mídias sociais, o conceito de inovação social e a sociedade em rede e, para tanto, utilizados autores como Franco (2008), Giardelli (2011), Castels (1999), Canclini (2005) entre outros citados. Uma vez que os estudos das redes sociais e dos temas abordados são relativamente novos, vários sites foram consultados na elaboração deste trabalho. A análise do discurso dos palestrantes selecionados para este estudo se configurou em importante ferramenta de trabalho. A utilização da tecnologia (mídias sociais) para estreitar e fortalecer as redes sociais foi abordada no presente estudo e se configura como um reforço para a afirmação de que as mudanças na sociedade e a era da cooperação e da generosidade coletiva está sendo construída pelas pessoas e que quanto melhor estas utilizarem os aparatos tecnológicos, por consequência essa nova era se fortalece.

Palavras – chave: Global Fórum, Redes Sociais, Colaboração, Sociedade em Rede, Inovação social.

ABSTRACT

MACHADO, Julian of Toledo. BAWB Global Forum Latin America online edition: an example from the New Era of Collaboration? 2012. 112 f. Master's thesis. Graduate Program in Technology. Federal Technological University of Paraná. Curitiba. In 2011.

Abstract: This dissertation was a case study on a Conference on Business as An Agent of World Benefit, BAWB - GLOBAL FORUM online edition that took place in 2011 in order to seek and understand if this format can be configured as a social innovation and as a possible example in the era of cooperation and collective generosity. We decided to conduct a qualitative research methodology using a case study with a participative observation, since the study's author worked directly in the process of designing and implementing the conference. We sought to understand how technology could help in the establishment of social networks, which in this case, were mobilized to disseminate and share all the knowledge that was being exposed. The research also attempts to verify the power of social networks, considering the fact that when the subject makes sense for people, they embrace and engage on it through twitter and facebook. To understand the conference itself, we must understand the globalized world, social networks, the use of social media, the concept of social innovation and the network society and, therefore, the authors used as Franco (2008), Giardelli (2011), Castels (1999), Canclini (2005) and others cited. Since the studies of social networks and the issues are relatively new, several sites were consulted in preparing this work. The analysis of the speech of speakers selected for this study was set up as an important working tool. The use of technology (social media) to tighten and strengthen social networks was addressed in this study and is configured as a boost for the claim that changes in society and the era of cooperation and collective generosity is being built by people and the better use of these technological devices, therefore this new era is strengthened.

Key - words: Global Forum, Social Networking, Collaboration, Network Society, Social Innovation.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Visitas por meio de dispositivos móveis.....	59
Tabela 2 – Sistemas operacionais utilizados para visualizar as palestras.....	59
Tabela 3 – Países participantes da conferência.....	60
Tabela 4 – Palestrantes da conferência.....	62

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Diagrama de Paul Baran.....	35
Figura 2: Representação gráfica de uma rede social.....	37
Figura 3: Ciclo dos 4 D's da Investigação Apreciativa.....	99

LISTA DE ABREVIATURAS

AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

BAWB – *Business as An Agent of World Benefit*

BAWB – GFAL – *Business as An Agent of World Benefit* – Global Forum America Latina

BOPE – Batalhão de Operações Policiais Especiais

ESPM - Escola Superior de Propaganda e Marketing

FEED - formato de dados usado em formas de comunicação com conteúdo atualizado frequentemente, como *sites* (sítios) de notícias ou *blogs*.

FIEP – Federação das Indústrias do Estado do Paraná

GFAL – Global Forum América Latina

GMS – Gestão da Mente Sustentável

IA - Investigação Apreciativa

JCI – *Active Citizen Framework*

MEME – Os memes podem ser ideias ou partes de ideias, línguas, sons, imagens, valores morais ou estéticos, bem como algo que possa ser apreendido com facilidade e transmitido como unidade autônoma.

ONU – Organização das Nações Unidas

PREM - *Principles for Responsible Management Education*

SESI – Serviço Social da Indústria

TBL – Triple Botton Line

TED – Tecnologia, Entretenimento, *Design*

UCLA - Centro de Pesquisa em Memória e Envelhecimento da Universidade da Califórnia

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	14
1.2 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA	15
1.3 OBJETIVOS	16
1.4 METODOLOGIA	17
1.4.1 Protocolo de Pesquisa	19
1.4.2 Procedimentos de Campo	20
1.4.3 Descrição dos Procedimentos de Campo	20
2 CONSIDERAÇÕES SOBRE TECNOLOGIA E SOCIEDADE	22
3 A GLOBALIZAÇÃO	29
3.1 TIPOS DE GLOBALIZAÇÃO	29
4 O QUE É INOVAÇÃO SOCIAL	33
4.1. AS REDES SOCIAIS	35
4.1.1. TIPOLOGIA DE REDE	35
4.2 A SOCIEDADE EM REDE	39
4.3 O TWITTER	41
4.4 O FACEBOOK	44
5. COLABORATIVISMO	49
5.1. GLOBAL FORUM AMÉRICA LATINA	52
5.2. BAWB-GFAL EDIÇÃO VIRTUAL	56
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
6.1. RECOMENDAÇÕES FUTURAS PESQUISAS	81
REFERÊNCIAS	84
ANEXOS	
ANEXO 1. INTRODUÇÃO AO BAWB-GFAL EDIÇÃO VIRUAL	91
INTRODUÇÃO AO EIXO TEMÁTICO SOCIEDADES INOVADORAS	96
INTRODUÇÃO AO EIXO TEMÁTICO DESIGN THINKING	99
INTRODUÇÃO AO EIXO TEMÁTICO EDUCAÇÃO NA SUSTENTABILIDADE	101
ANEXO 2.A INVESTIGAÇÃO APRECIATIVA	106

1 INTRODUÇÃO

Em agosto de 2011 realizou-se a Conferência *Business as na Agent of World Benefit* - BAWB-GLOBAL FORUM edição virtual, que se diferenciou radicalmente das versões anteriores, por ser totalmente virtual, transmitida para mais de quarenta países por meio da Internet. A Conferência lançou a pergunta provocativa “em que a gestão deve inovar para atender os desafios da sustentabilidade” e convidou diversos palestrantes para ajudar nesta reflexão em três dias de trabalhos, sendo que cada um desses dias foi dedicado a um eixo temático: Sociedade Inovadora, Design Thinking e Educação na Sustentabilidade.

Para fins de esclarecimentos, recorreremos à introdução ao eixo temático *Design Thinking* disponível no *site*, no qual os organizadores da conferência destacam que para contribuir na busca e desenvolvimento de alternativas e respostas para a pergunta provocativa da conferência, (em que a gestão deve inovar para responder aos desafios da sustentabilidade):

Incluímos na programação o eixo da disciplina *Design Thinking*, seus instrumentos e métodos do pensar, do conceber e co-criar, em um contexto onde é crítico compreender: a interdependência de toda e qualquer ação humana, as implicações globais que as ações locais têm e entender quais as bases éticas que orientam as opções e decisões das políticas das empresas e da sociedade.

O Design Thinking entendido como um processo de construção coletiva capaz de criar uma imagem – uma representação – de algo que ainda não existe, que envolve complexidade e síntese. O processo não recorre a dimensões críticas apenas, mas à dimensões críticas e analíticas. O *Design Thinking* caracteriza-se por juntar coisas, aspectos, processos diferentes, que acabam resultando na emergência de algo novo em meio a múltiplas variáveis e limites conhecidos ou não, que se revelam no decorrer do processo. Nesse processo está implicada a harmonização de valores, o enfrentamento de restrições e limites. (BAWB GLOBAL FORUM – EDIÇÃO VIRTUAL, 2011).

Foi também uma conferência totalmente carbono zero, pois os palestrantes, falavam a partir de suas localidades e, a tecnologia possibilitou captar as palestras dos EUA, Europa, Índia, Argentina, Costa Rica, bem como de diversos estados brasileiros e transmiti-las para o mundo.

Para tanto, foram feitos os convites aos palestrantes. À medida que estes aceitavam participar, a equipe de trabalho de Curitiba, com o auxílio de empresas de

tecnologia contratadas, localizavam salas de transmissão na cidade em que eles residem.

A estrutura tecnológica de transmissão-recepção-retransmissão para a internet foi montada e o que se solicitava aos palestrantes era que, no dia e hora de sua palestra se dirigissem ao estúdio agendado. O palestrante tinha uma visão dos estúdios de Curitiba e tomava ciência de quantas pessoas estavam conectadas no momento de sua fala. E era essa a plateia que ele via: as câmeras, os técnicos trabalhando nos estúdios e a equipe organizadora do evento.

Em Curitiba foram montados dois estúdios que recebiam as imagens destas salas de transmissão e distribuíam para toda a rede. Os palestrantes que falaram de Curitiba o fizeram nos referidos estúdios.

Dessa forma, a conferência não teve uma plateia física assistindo. A plateia do BAWB – GFAL edição virtual foram todas as pessoas que assistiram ao evento por meio da internet em suas casas, escritórios, faculdades entre outros.

Apesar da riqueza dos conteúdos transmitidos pelos mais de sessenta palestrantes e do alto nível tecnológico utilizado nesta empreitada, o que chamou a atenção foi o engajamento das pessoas. A autora desta pesquisa fez parte da equipe de trabalho que idealizou, concebeu e operacionalizou o BAWB-GFAL edição virtual, sendo responsável pelo eixo temático Sociedade Inovadora, o que lhe possibilitou conversar com todos os palestrantes deste eixo, perceber sua reação diante do convite para participar de um evento totalmente diferenciado e averiguar como a sociedade recebeu este evento, por meio das manifestações nas mídias sociais.

Durante os três dias, foram apresentadas palestras de pessoas que desenvolvem trabalhos relevantes em suas áreas, casos de sucesso de empresas e universidades de renome, novas formas de cooperar e, na finalização do evento, a autora deste estudo manifesta sua surpresa ao estar diante e ter vivido o que estudiosos como Giardelli (2011) entre outros denominam Era da Colaboração e da Generosidade Coletiva, ao ter participado da construção de um evento no qual mais de sessenta palestrantes dividiram seu conhecimento sem cobrar por isso e sobre o qual as pessoas falaram em seus *sites* e *blogs*, compartilhando o que estava acontecendo com seus amigos e convidando-os para também participarem.

O endereço eletrônico da Conferência, ou *site* contabilizou mais de quinze mil visitas durante os três dias de trabalhos e a intervenção da autora desta pesquisa mencionada acima pode visualizada por meio do acesso ao *link* <http://gfal2011.isat.com.br/Video/?VideoID=78>

Diante deste fenômeno e levando em conta o mantra repetido pelos estudiosos das redes sociais que diz que “você é o que você compartilha” e ainda Giardelli (2011), que afirma ser a reputação a grande moeda da sociedade em rede, baseada em credibilidade e confiança e ainda que “as coisas só acontecem porque as pessoas querem e fazem acontecer” conforme afirma Ouriques (2011) em sua palestra, foi despertado o interesse em realizar este estudo de caso, que busca entender se realmente a conferência BAWB-GFAL edição virtual se configura em um exemplo prático e próximo da chamada nova Era da Colaboração, na qual a generosidade coletiva tem lugar.

A ideia inicial do presente estudo era fazer uma descrição do caminho percorrido pela conferência BAWB-GFAL desde sua primeira edição no Brasil, aprofundar a observação de sua edição virtual, analisando o discurso dos palestrantes e detectando indícios da Era da Colaboração e Generosidade Coletiva, acompanhar as manifestações do público na rede antes, durante e depois da conferência,

Por meio do acompanhamento posterior dos diálogos e debates realizados no *site* e fomentados pelas palestras objetivava-se verificar a abrangência e o impacto da conferência na sociedade e, dessa maneira, tentar conseguir averiguar se esta se configurara em uma tecnologia social.

No entanto, o andamento da pesquisa foi um tanto comprometido, uma vez que mudanças na gestão da patrocinadora da conferência fez com que os trabalhos da equipe responsável pelo projeto fossem descontinuados e o próprio projeto em si foi excluído das atividades da instituição.

Com isso, o *site* da conferência com todas as palestras, conteúdos e manifestações dos participantes foi tirado do ar momentaneamente e, ainda que tenha voltado após alguns dias, o trabalho de fomento e incentivo aos debates foram suspensos.

Entende-se que as formas de gestão são traçadas de acordo com as demandas e necessidades das corporações e que as decisões de continuidade ou

descontinuidade de projetos são tomadas levando-se em conta uma estratégia maior. Assim, o motivo pelo qual foi apresentado este cenário foi somente o de esclarecer aos leitores as razões pelas quais em alguns momentos este trabalho de pesquisa pode vir a apresentar fragilidades.

Outra questão que pode chamar a atenção no presente trabalho é o uso de algumas palavras que não constam no dicionário oficial tais como *twittar*, *taguear* e *faceboocar* entre outras que vão aparecer no decorrer do texto.

A utilização de tais palavras se faz necessária no contexto do presente estudo uma vez que se trabalha com o comportamento e os fazeres das pessoas em rede e neste universo, tais palavras são de uso comum e corriqueiro. Desta forma, ficaria impossível abordar o tema das redes sem utilizar o linguajar aplicado pelos seus usuários.

Algumas vezes foram citados *twittes* de estudiosos das redes que não constam de artigos ou publicações oficiais. Desta forma, com o intuito de dar o crédito devido aos autores das publicações, foram citados somente seus endereços no *twitter* como no exemplo: @palestrante.

Nos anexos deste estudo encontram-se os textos introdutórios aos eixos temáticos da conferência, que foram disponibilizados no *site* com o objetivo de familiarizar os internautas com os objetivos e motivações da conferência e subsidiá-los de informações que, juntamente com as palestras ministradas iriam ajudar no fomento das discussões posteriores.

Neste trabalho, espera-se que estes documentos ajudem os leitores a entenderem um pouco melhor o contexto da conferência sobre a qual realiza-se o estudo de caso.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

De acordo com Franco (2008) tudo o que é sustentável tem o padrão de redes e redes são pessoas conectadas interagindo entre si. E as redes são altamente democratizantes, segundo este autor. Já Ouriques (2011) em sua palestra na conferência afirma que

a segurança ambiental, a equidade econômica e a justiça social, que quer o Triple Botton Line ou TBL, só são possíveis quando há mudança, de fato, do mindset individual e organizacional, mudança realizada pela

gestão da mente, pois esta sim é a condição para que haja mais Sustentabilidade e, assim, mais Democracia. As coisas somente acontecem quando as pessoas querem que aconteçam e fazem-nas acontecerem. (BAWB GLOBAL FORUM – EDIÇÃO VIRTUAL, 2011).

Uma das perguntas que se apresentaram foi, será que exatamente esse querer sobre o qual Ouriques (2011) se refere que fez com que os palestrantes aceitassem o convite de falar gratuitamente, dividindo seus saberes? E ainda escrever cartas-convite para que mais pessoas participassem da conferência, além de divulgarem em suas redes?

Além disso, após a divulgação nas redes dos organizadores e palestrantes, a notícia da conferência ganhou o mundo virtual, fazendo com que mais de quinze mil pessoas se conectassem durante os três dias, milhares continuassem ainda visualizando as palestras durante o período em que continuaram disponíveis *on line*, além das quase cinco mil pessoas que ainda se cadastraram no site www.globalforum.org.br para participarem de chats e discussões sobre os temas abordados.

Será que se pode, por meio dessas ações e por meio das falas dos palestrantes do BAWB-GFAL edição virtual identificar pistas dessa nova era da colaboração e da generosidade coletiva? Estas são as perguntas, entre outras, que este estudo irá tentar responder.

1.2 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa focaliza a conferência BAWB-GLOBAL FORUM edição virtual, evento totalmente virtual e que não investiu recursos tanto em sua divulgação quanto para a contratação de palestrantes e que, ainda assim, contou com mais de quinze mil acessos durante sua transmissão ao vivo, contabiliza cerca de quarenta países conectados, contou com mais de sessenta palestrantes de grande destaque em suas áreas de conhecimento e que, ainda contabilizou pessoas se cadastrando para assistir as palestras durante o período em que continuaram disponíveis em seu *site* e participar de diálogos sobre os temas.

O que se busca entender com esse estudo, é o fenômeno que se apresenta, o que fez tanto sentido para as pessoas que resultou em tamanho engajamento e se

o BAWB-GFAL edição virtual se configura em um exemplo do que estudiosos das redes sociais chamam de Era da Colaboração e Generosidade Coletiva.

Ressalta-se que não serão utilizadas neste estudo todas as palestras do evento, pois algumas, apesar de muito relevantes para o tema da Conferência, não têm aderência com a pesquisa realizada, muitas vezes por se tratarem de relatos de casos muito específicos.

1.3 OBJETIVOS

Com o intuito de responder às questões que se apresentam, definiu-se como objetivos:

Objetivo Geral:

Realizar um estudo de caso da Conferência BAWB-GFAL edição virtual, para buscar compreender suas motivações e se esta conferência se configura como um exemplo da chamada era da colaboração e da generosidade coletiva.

Objetivos Específicos:

- Analisar o conteúdo da fala dos palestrantes, buscando indícios de suas motivações e convicções.
- Levantar na literatura sobre redes sociais, estudos que suportem as falas dos palestrantes, apontando para a era da colaboração e generosidade coletiva.
- Analisar o compartilhamento por meio das redes sociais.
- Mapear a motivação e o sentido que levou as pessoas a realizarem tal compartilhamento.
- Analisar a sociedade em rede e globalizada que possibilitaram a realização desta conferência.
- Levantar indicadores que demonstrem se, além do mencionado acima, esta conferência também se configura em uma inovação social.

1.4 METODOLOGIA

Por se tratar de um evento recente, optou-se ao estudar a conferência *Business as an Agent of World Benefit* – Global Forum America Latina BAWB – GFAL edição virtual por realizar uma pesquisa qualitativa, utilizando a metodologia de estudo de caso, classificada por Triviños (2011) como um dos mais relevantes nesse tipo de pesquisa.

Yin (2005) afirma ser o estudo de caso a melhor estratégia adotada quando na pesquisa se colocam as questões “como” e “por que”, o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real.

No presente estudo buscou-se compreender como e por que as pessoas abraçaram a causa do BAWB – GFAL edição virtual, que aconteceu no ano de 2011 seja palestrando de forma gratuita, seja se conectando ao evento e divulgando em suas redes de contato. Portanto, a metodologia de estudo de caso pareceu ser a que mais atenderia as necessidades do estudo. Tal decisão pela metodologia é incentivada por Yin (2005) quando cita Schramm (1971) ao afirmar que a essência de um estudo de caso, (sua principal tendência em todos os tipos de estudo de caso) é que ela tenta esclarecer uma decisão ou um conjunto de decisões, os motivos pelos quais elas foram tomadas, como foram implementadas e com quais resultados.

Além do já exposto, o estudo de caso se apresentou como uma opção natural para a condução desta pesquisa, ao serem levados em conta os argumentos de Yin (2005) já citados:

a preferência por esta metodologia deve se dar quanto há pouco controle sobre os eventos estudados, foco em fenômenos contemporâneos inseridos no contexto da vida real e normalmente quando existem perguntas do tipo “como” e “por que”. (Yin, 2005. P28)

E foi exatamente esse o cenário que se apresentou quando da decisão de se estudar a conferência.

GIL (2002) declara que qualquer classificação se faz mediante algum critério e, com relação às pesquisas, é usual a classificação com base em seus objetivos gerais. Dessa maneira as pesquisas podem ser classificadas em três grandes grupos que são exploratórias, explicativas e descritivas. Para o autor, tal

classificação é muito útil para o estabelecimento do marco teórico, ou seja, para possibilitar uma aproximação conceitual, sendo, no entanto, necessário traçar um modelo conceitual operativo da pesquisa para analisar os fatos do ponto de vista empírico e confrontar a visão teórica com os dados da realidade.

O autor informa ainda que este modelo conceitual é chamado delineamento e o procedimento mais importante para identificá-lo é o método usado para a coleta de dados, que pode ser dividido em dois grandes grupos: aqueles que se valem das chamadas fontes de papel e aqueles cujos dados são fornecidos por pessoas. A metodologia utilizada, ou seja, o estudo de caso faz parte do segundo grupo.

Na presente pesquisa optou-se pelo estudo de caso por meio de observação participante, uma vez que a autora do estudo trabalhou diretamente no processo de concepção e execução da conferência estudada.

Segundo Yin (2005), a técnica da observação participante foi freqüentemente utilizada em estudos antropológicos de grupos culturais e sociais distintos. Ele afirma que a mesma técnica pode também ser usada em ambientes mais ligados ao dia-a-dia como em uma organização, ou pequenos grupos informais (neste caso, nas redes estabelecidas).

Yin (2005) afirma que a observação participante fornece certas oportunidades incomuns para a coleta de dados em um estudo de caso, tais como a de obter permissão para participar de eventos ou grupos que seriam de outra maneira, inacessíveis à investigação científica, e a capacidade de perceber a realidade do ponto de vista de alguém que está inserido dentro do estudo de caso e não de um ponto de vista externo. O autor também nos alerta para alguns problemas relacionados à observação participante, os quais buscar-se-á minimizar no decorrer do estudo.

Seguindo a premissa da utilização de artefatos físicos como fonte de evidência, serão utilizados os “artefatos virtuais”, uma vez que muitas das informações e evidências essenciais para a presente pesquisa, estão nos sites e nas mídias sociais. YIN (2005), afirma que os artefatos físicos têm uma importância potencialmente menor na maioria dos exemplos típicos de estudo de caso, no entanto, quando são importantes, podem constituir um componente essencial do caso inteiro.

1.4.1 O Protocolo de Pesquisa

- Objetivo

O objetivo deste protocolo de pesquisa é orientar a condução das ações de estudo de caso realizadas na pesquisa sobre a Conferência BAWB – GFAL edição virtual, na qual se tenta estabelecer se a mesma representa um exemplo da era da colaboração e da generosidade coletiva.

- Pessoas envolvidas

Estão envolvidos neste estudo os palestrantes do evento, o público que assistiu às palestras *on line* e interagiram por meio das mídias sociais, seja divulgando o evento ou fomentando o debate sobre os temas abordados nas palestras.

- Questões imperativas

Para a pesquisa que se apresenta, é imperativo ter acesso às palestras *on line* e foi importante o fato de que sua autora tenha feito parte do grupo de trabalho que concebeu e realizou a conferência, sendo a responsável por um dos eixos temáticos apresentados.

- Leituras relevantes às questões

Autores que tratam dos estudos de redes, sustentabilidade, inovação social e a era da generosidade coletiva.

Tais leituras podem ser de livros e artigos físicos ou *on line*. No âmbito desta pesquisa podemos também recorrer à palestras *on line* que tratam do tema.

Além disso, o acesso a todas as palestras realizadas durante a Conferência BAWB-GFAL edição virtual apresenta-se condição *sine qua non* para a realização da pesquisa.

1.4.2 – Procedimentos de campo

- Obter acesso a todas as palestras realizadas durante a conferência;

- Assistir a todas as palestras selecionadas, identificando indícios na fala dos palestrantes da era da generosidade coletiva;
- Acompanhar as interações *on line* posteriores à conferência verificando o nível de engajamento dos participantes;
- Acompanhar na medida do possível as mídias sociais, principalmente *twitter* e *facebook*, para averiguar a repercussão posterior da conferência.
- Escrever o relatório do estudo de caso que, no caso do referente estudo irá compor as considerações finais do trabalho.

1.4.3 – Descrição dos Procedimentos de campo

Para realizar a verificação proposta na presente pesquisa, ou seja, se a Conferência BAWB-GFAL edição virtual configura-se em um exemplo da chamada era da colaboração e da generosidade coletiva, optou-se por realizar um estudo de caso por meio de observação participante, uma vez que a autora do estudo trabalhou diretamente no processo de concepção e execução da conferência estudada.

Desta maneira, foram selecionadas algumas das palestras realizadas nos eixos temáticos Sociedade Inovadora, *Design Thinking* e Educação na Sustentabilidade para serem analisadas.

A seleção das palestras se deu levando em consideração o tema abordado e o que se entende que pode ser um indício da era da colaboração e da generosidade coletiva. É importante ter em mente que os palestrantes, com algumas exceções, não mencionaram em suas falas a era da colaboração e da generosidade coletiva, portanto, até porque, sendo este um conceito novo e ainda muito carente de estudos, não é facilmente encontrado.

Neste cenário, caberá a autora desta pesquisa a tarefa de buscar uma base teórica na literatura existente e realizar a análise da fala dos palestrantes da conferência para determinar se o problema de pesquisa se comprova ou não.

A decisão por tal estudo se deu uma vez que acredita-se que a realização da conferência em si já se configura como, senão uma prova, um indício de que esta é um exemplo da era da colaboração e da generosidade coletiva, uma vez que nenhum palestrante cobrou para compartilhar seus conhecimentos e pesquisas.

Na busca pelos indícios que comprovem ou não o problema de pesquisa, alguns aspectos das palestras serão levados em consideração, a saber:

- A própria participação do palestrante;
- O tema da palestra e sua abordagem;
- Aspectos das palestras que apontem para uma mudança no comportamento da sociedade;
- O engajamento do público *on line* em divulgar convidar seus contatos para participarem do evento;
- A continuidade dos grupos de discussões posteriores ao evento.

Ainda sustenta a decisão pelo estudo de caso a afirmação de Schramm (1971) citada por Yin (2005):

a essência de um estudo de caso é tentar esclarecer uma decisão ou um conjunto de decisões, o motivo pelo qual foram tomadas, como forma tomadas e com quais resultados (SCHRAMM, 1971 apud Yin, 2005).

Embora o presente trabalho leve em conta as deficiências apontadas por Martins (2008) na utilização da metodologia do estudo de caso - análises intuitivas, primitivas e impressionistas, não conseguindo transcenderem a simples relatos históricos, obviamente muito afastados do que se espera de um trabalho científico (Martins 2008, p 3) – será buscado, ao desenvolver o estudo, minimizar tais fragilidades, uma vez que, no entendimento dos autores, o estudo de caso é a metodologia que melhor atenderá as demandas da pesquisa.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE TECNOLOGIA E SOCIEDADE

Antes de adentrar no assunto tema deste trabalho, pensou-se ser relevante fazer alguns apontamentos sobre tecnologia e sociedade, considerando as redes sociais, uma vez que o desenvolvimento da pesquisa está relacionado a esta área.

Lynn White Jr. (*apud*: Gama, 1986, p. 10) conceitua tecnologia como sendo a maneira pela qual as pessoas fazem as coisas, enquanto Dickinson (*apud*: Bastos, 1998, p.14) considera a tecnologia como uma linguagem que provoca ações sociais, fazendo um paralelo a esse conceito quando afirma que à medida que os indivíduos se organizam em torno de tecnologias, o poder também se ordena e exerce o controle social. Sobre esse viés, de acordo com o autor, a tecnologia jamais pode ser considerada neutra.

Complementando essa linha, está Lévy (1999) que afirma não ser a técnica nem boa, nem má, dependendo dos contextos, dos usos e dos pontos de vista, mas tão pouco ela é neutra, uma vez que pode ser condicionante ou restritiva, abrindo por um lado e fechando por outro o espectro de possibilidades. Tal afirmação remete a Maturana (2008) quando diz que nada é em si e a Bloch (2001) que afirma que *“nenhum objeto tem movimento na sociedade humana exceto pela significação que os homens lhe atribuem”*.

Lévy (1999), ainda afirma que não se trata de avaliar os “impactos”¹ da tecnologia, mas de situar a irreversibilidade à qual um de seus usos nos levaria, de formular os projetos que explorariam as virtualidades que ela transporta e decidir o que fazer dela. O fato é que, como afirma Reis (1995), a influência da tecnologia no destino da Humanidade é maior do que nunca. A autora cita o relatório da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, (UNESCO) de 1981, no qual a tecnologia é apresentada como uma realidade universal enquanto meio capaz de alargar as capacidades biológicas do ser humano e ainda afirma que

se todos reconhecem que a tecnologia tem sido o principal instrumento responsável pela criação de nossa civilização, também é verdade que é possível encontrar hoje fatores únicos que conferem uma especial importância à tecnologia no mundo moderno. Em favor dessa tese,

¹ Destaque do autor: p. 26.

podemos enunciar argumentos econômicos, sociais, políticos, morais e educacionais que relevam o papel vital da tecnologia na sociedade contemporânea. (REIS, 1981, p.22).

Lévy (1999) traz uma visão de certa forma pessimista, ao afirmar que acreditar em uma disponibilidade total das técnicas e de seu potencial para indivíduos ou coletivos supostamente livres, esclarecidos e racionais seria nutrir-se de ilusões. Para este autor, muitas vezes, enquanto se discute sobre os possíveis usos de uma determinada tecnologia, algumas formas de uso já se impuseram.

Trazendo a discussão para o domínio das redes sociais, o que se verifica é uma reprodução de comportamentos, uma vez que Franco (2008, p.29) afirma serem as redes democratizantes e, não se tratarem de um instrumento para promover a mudança, mas que elas já são a mudança em si, enquanto Ugart (2010, p.60) nos traz que *por baixo de toda arquitetura de informação, se esconde uma estrutura de poder*. Naturalmente voltaremos a este assunto no decorrer desta dissertação.

De acordo com Marcuse (1998), Max Weber relaciona o capitalismo, a racionalidade e a dominação em sua obra, que, em linhas gerais, apresentam reflexos na cultura material e imaterial. O que chama a atenção na citação de Weber que Marcuse (1998) faz é a questão da cultura. Porque ao estudar sobre as redes sociais, percebe-se que a cultura está passando por transformações e, segundo Giardelli (2011), “estamos construindo por meio das redes sociais o software da sabedoria das multidões, que une pessoas e derruba fronteiras geográficas”.

E Santaella (2003) reforça ainda:

Não devemos cair no equívoco de julgar que as transformações culturais são devidas apenas ao advento das novas tecnologias e novos meios de comunicação e cultura. São, isto sim, os tipos de signos que circulam nesses meios, os tipos de mensagens e processos de comunicação que neles se engendram os verdadeiros responsáveis não só por moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também por propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais.(SANTAELLA, 2003, p.28).

Giardelli (2011) lembra que em seu tempo, Marx dizia que tudo o que é sólido irá se desmanchar no ar, mas hoje estamos vivendo a realidade na qual tudo o que é sólido irá se desmanchar na rede, porque nas redes vale o conceito de reputação, e o grande mantra da sociedade em rede é “*você é o que você compartilha*”.

Isso significa que na sociedade como é conhecida atualmente, em suas formas de se relacionar e de fazer negócios, a educação, está passando por um processo de mudança. As redes sociais possuem um poder de opinião, propagação e de criação, que transformam a forma de comunicação. As pessoas escolhem marcas, compram produtos ou se engajam em causas, muito por recomendação de amigos, daí o grande tema da reputação.

Após tais afirmações em palestras proferidas pelo autor, consultou-se para elaborar a presente dissertação comunidades de discussões sobre o tema² e, em linhas gerais, os participantes defendem que compartilhar é a melhor forma de reter conhecimento e, conseqüentemente, expandir as ideias.

Tal observação remete novamente a Santaella (2003) quando em seu artigo afirma que:

uma diferença significativa entre informação e bens duráveis está na replicabilidade. Informação não é uma quantidade conservada. Se eu lhe dou a informação, você a tem e eu também. Passa-se aí da posse ao acesso. Este se difere da posse porque acesso vasculha padrões no lugar de presenças. (SANTAELLA, 2003, p.25)

E Giardelli (2011) conta ainda em sua palestra que o resultado de um estudo da Universidade de Cambridge provou que quando as pessoas estão conectadas, estão em rede (sem necessariamente passar pela tecnologia, se encontrando presencialmente), com a sensação de estarem fazendo o certo, se engajando em uma causa e contribuindo para um mundo melhor, elas ficam tão felizes quanto quando fazem vinte minutos de esporte. Isso pode explicar o porquê da humanidade ter gasto cem milhões de horas editando a *Wikipédia* (dados trazidos pelo autor da palestra).

Livros colaborativos vêm sendo escritos e disponibilizados na *web* como o livro colaborativo *Redes Sociais e Inovação Digital*³, ideia que nasceu dentro de um curso. Os direitos autorais entraram na pauta de discussão e o fenômeno *We Think*⁴ de Charles Leadbeater (2011), tem causado impacto e gerado discussões entre os

² www.escoladeredes.ning.com
www.inovadoresespm.ning.com
www.vivoeducativa.ning.com

³ Para conhecer o livro acesse: <http://www.inovadoresespm.com.br/2011/04/livro-colaborativo-de-redes-sociais-e-inovacao-digital/>

⁴ Para conhecer os três primeiros capítulos de *We Think*, acesse: <http://www.wethinkthebook.net/home.aspx> e para assistir uma animação com as idéias centrais do livro: <http://www.youtube.com/watch?v=qiP79vYsfbo>

estudiosos das redes sociais, porque o livro se inicia com a afirmação de que “você é o que você compartilha” e tanto a internet quanto as novas tecnologias nos fazem mover rápida e facilmente para uma inovação de massa, com muitos colaboradores, profissionais ou não, produtores e consumidores partilhando idéias, informações, pensando juntos, enfim, colaborando.

A Organização das Nações Unidas (ONU) lançou em fevereiro de 2012 um relatório sobre a situação mundial dos jovens no mercado de trabalho, intitulado “Emprego de Jovens: Perspectivas da Juventude na Busca do Trabalho Decente em Tempos de Mudança”, no qual pela primeira vez jovens de todo o mundo contribuíram na elaboração, por meio das mídias sociais.

É importante ter em mente que todos os sistemas tecnológicos necessitam de pessoas para existirem. Para Cowan (1997) a história da tecnologia é um esforço para recontar a história de todas as coisas produzidas pela humanidade ou absorvidas por algumas sociedades ao longo dos anos.

Por estudar-se as redes sociais e o comportamento das pessoas e empresas nesse novo cenário, levou-se em conta alguns conceitos de tecnologia na presente dissertação, entre os quais o proposto por Buchanan (1992), que apregoa ser tecnologia o estudo das técnicas humanas para se fazer coisas, considerando-se o conceito de surgimento, o local, o momento, suas razões e conseqüências possíveis à história, ou ainda tida como o conhecimento, interpretação, aplicação e/ou estudo da técnica e das suas variáveis, enquanto aplicação e aplicativo, ao longo da história e em determinada sociedade. Consideramos ainda Faraco (1998) que diz que “a tecnologia ao alterar os modos do fazer humano, tem forte impacto sobre o viver dos seres humanos, remodelando a organização social, a consciência humana e os valores culturais”.

Dessa maneira, a abordagem sobre tecnologia aqui adotada não é tecnocrática, pois se pretende focar as relações e responsabilidades com a sociedade, o comportamento desta sociedade e as mudanças que ela acarreta.

Levar em conta a tecnologia no contexto desse estudo se torna altamente relevante, uma vez que, se compararmos de acordo com os dados que apresenta Ponce (2011), por exemplo, uma rede social dos anos 80 e as atuais aplicações via *Facebook* e demais mídias, verificamos que a grande diferença entre ambas está na tecnologia utilizada. Pessoas que em 2006 talvez nunca tenham ouvido falar em

mídia social, hoje dificilmente não participam de pelo menos uma. Para o autor, em 3 anos, o mundo evoluiu muito mais do que nos últimos 300.

A *Internet* e toda essa tecnologia disponível não alteram somente a forma como as pessoas produzem, criam e se comunicam. Em seu artigo o cérebro pós-moderno: como as redes sociais nos afetam, Giardelli (2012) cita o estudo do neurocientista Garry Small, diretor do Centro de Pesquisa em Memória e Envelhecimento da Universidade da Califórnia (UCLA), que mostra como elas alteram o funcionamento do cérebro.

Sob certo aspecto, essa revolução digital nos mergulhou em um estado contínuo de atenção parcial. Estamos permanentemente ocupados, acompanhando tudo. Não nos focamos em nada. (...) As pessoas passam a existir num ritmo de crise constante, em alerta permanente, sedentas de um novo contato ou um novo bit de informação. SMALL(apud GIARDELLI,2012).

A autodenominada antropóloga ciborgue Amber Case (2011), que vem desenvolvendo pesquisas sobre Antropologia Digital, em sua palestra na conferência que trata de Tecnologia, Entretenimento e Design (TED) nos diz que a tecnologia está nos fazendo evoluir, fazendo com que nos tornemos uma nova versão do *homo sapiens*.

E o interessante, e esse estudo vai buscar abordar, é que muitos estudiosos das redes sociais, como por exemplo *@renedepaula*⁵, defendem que quanto mais a tecnologia faz parte da vida das pessoas, mais importante é entender as pessoas e não a tecnologia.

Ao definirmos o Global Fórum edição virtual, como objeto de estudo de caso da presente dissertação, faz-se necessário levar em conta a afirmação de que devemos procurar entender as pessoas. Nesta linha, Franco (2008) afirma que sendo as redes sistemas de nodos e conexões, tais nodos são as pessoas e as conexões são as relações entre essas pessoas. E em sua palestra nesta mesma conferência o autor fala que o mundo todo está em rede e que a natureza do que se habitualmente denominamos como sociedade está mudando.

Uma vez que se pretende estudar aqui o evidenciamento no Global Fórum edição virtual da transição que alguns autores como Giardelli (2011) afirmam que a sociedade está vivendo uma mudança para a chamada era da cooperação e

⁵ A citação é feita no formato de endereço de twitter, uma vez que a única publicação do autor é feita nesta ferramenta.

levando em conta a declaração de Ourieques (2011) em sua palestra de que nada acontece sem que as pessoas queiram e façam acontecer, considerou-se necessário entender o contexto no qual a realização da conferência se insere. Para o professor, o que há de concreto é a mente humana e o universo cultural da sociedade.

Segundo Maturana (2009)

as redes de conversações que constituem o viver cultural humano modularam e modulam o curso do fluir biológico do viver humano; e o fluir biológico da realização do viver do ser humano modulou e modula o curso do viver cultural do humano.(MATURANA, 2009,p.182)

Ou seja, as pessoas mudam a sociedade e são mudadas por esta, de acordo com as suas ações e com as redes que estabelecem.

O palco no qual as pessoas atuam é o mundo globalizado e, de acordo com Ianni (1999), a terra se tornou mundo e o globo não é mais apenas uma figura astronômica, e sim o território no qual todos se encontram relacionados e atrelados, diferenciados e antagônicos. O autor fala que o globo não é mais exclusivamente um conglomerado de nações, sociedades nacionais, Estados-nações, em suas relações de interdependência, dependência, colonialismo, imperialismo, bilateralismo, multilateralismo. Ao mesmo tempo, o centro do mundo não é mais voltado só ao indivíduo e, por mais que a nação e o indivíduo continuem sendo muito reais, inquestionáveis e presentes todo o tempo, em todo lugar, povoando a reflexão e a imaginação, ainda assim já não são hegemônicos, uma vez que foram subsumidos, real ou informalmente, pela sociedade global, pelos movimentos e configurações da globalização.

Ianni (1999) apregoa que começamos a parecer uma espécie de aldeia global quando o sistema social mundial se põe em movimento e se moderniza. Para ele, aos poucos ou de repente, de acordo com a situação, tudo se articula em um vasto e complexo todo moderno, modernizante e modernizado. E, segundo ele, o signo por excelência da modernização parece ser a comunicação, a proliferação e generalização dos meios impressos e eletrônicos de comunicação, que, articulados em teias de multimídia, alcançam todo o mundo.

Maturana (2009) lembra que o que difere os seres humanos, dos outros animais, é o fato destes estarem na linguagem – por isso se comunicarem – e Bakhtin (2003) afirma que pelo estudo do material verbal se consegue determinar

como a realidade determina o signo e como o signo reflete e retrata a realidade em transformação.

Ianni (1999) ainda escreve em seu trabalho, que a noção de aldeia global é bem uma expressão da globalidade das ideias, padrões e valores sócio-culturais imaginários. Pode ser vista como uma teoria da cultura mundial, entendida como cultura de massa, mercado de bens culturais, universo de signos e símbolos, linguagens e significados que povoam o modo pelo qual uns e outros situam-se no mundo, pensam, imaginam, sentem e agem.

Ressalta-se para esse trabalho ainda, a afirmação do autor de que:

em decorrência das tecnologias oriundas da eletrônica e da informática, os meios de comunicação adquirem maiores recursos, mais dinamismos, alcances muito mais distantes. Os meios de comunicação de massa, potenciados por essas tecnologias rompem e ultrapassam fronteiras, culturas, idiomas, religiões regimes políticos diversidades e desigualdades socioeconômicas e hierarquias raciais, de sexo e idade. (IANNI, 1999, p119).

Levando em consideração as citações acima, avaliou-se necessário trazer um pouco mais dos conceitos e dos estudos até então construídos tanto sobre globalização quanto sobre redes sociais, pois, tal contextualização poderá nos auxiliar a entender as mudanças sociais que nos guiaram até o Global Forum edição virtual.

3 A GLOBALIZAÇÃO

De acordo com Canclini (2005), a globalização é imaginada como co-presença e interação de todos os países, de todas as empresas e de todos os consumidores. Trata-se de um processo segmentado e desigual que é intensificado pela dependência recíproca entre as sociedades centrais e as elites periféricas. Ambas têm um acesso mais diversificado a uma maior quantidade de bens e mensagens.

Para o autor, pensamos globalização, ou em suas palavras, “pensam por nós”, considerando apenas questões relacionadas à política e à economia enquanto são esquecidas as dimensões socioculturais, uma vez que as pessoas vão se relacionar, interagir fazendo com que suas convicções, seus valores simbólicos sejam unidos pelo que ele chama de lógica globalizadora, pois o nível de relações se amplia para a escala mundial.

Ele ainda coloca que além da subordinação cultural (entre outras), há outros problemas relacionados à globalização, pois na medida em que essa se amplia, muitas localidades e regiões sofrem desglobalização, pois não conseguem inserir-se nas redes globais. Em suas palavras, “*o mundo não necessita deles*”.

Em uma análise sobre a cultura, Canclini (2005) escreve que as tendências comerciais tendem a empobrecer a diversidade e que a globalização unifica e interliga, mas também estaciona de um modo diferente cada cultura. Aqueles que reduzem globalização ao globalismo, à sua lógica mercantil, atentam apenas para a agenda integradora e comunicadora. Os estudos antropológicos da globalização mal começaram a revelar sua agenda segregadora e dispersiva, a complexidade multidirecional resultante dos choques e hibridações entre os que permanecem diferentes. Pouco conhecidas pela lógica hegemônica, as diferenças derivam em desigualdades, que em muitos casos chegam à exclusão.

3.1 TIPOS DE GLOBALIZAÇÃO

Santos (2008) coloca de uma forma brilhante e bastante aprazível, o mundo como nos fazem crer, o mundo com ele é e o mundo como pode ser.

No primeiro, define a globalização como fábula, na qual erigem-se como verdade um número de fantasias, cuja repetição acaba por se tornar uma base aparentemente sólida de sua interpretação.

Nesse contexto, referem-se a uma “aldeia global” para fazer crer que a difusão instantânea de notícias realmente informa as pessoas. A partir disso que é descrito pelo autor como mito das distâncias, também se difunde a noção de tempo e espaço contraídos, como se o mundo tivesse se tornado, para todos, ao alcance da mão. O dito mercado global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta, quando, na verdade, de acordo Santos (2008), as diferenças locais são aprofundadas.

De acordo com Santos (2008) há uma busca de uniformidade, ao serviço dos atores hegemônicos, mas o mundo se torna menos unido, tornando mais distante o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal, enquanto o culto ao consumismo é estimulado. Fala-se na morte do Estado, mas o que se vê é seu fortalecimento para atender aos reclamos das finanças e de outros grandes interesses internacionais, em detrimento dos cuidados com as populações cuja vida se torna mais difícil.

No segundo, Santos (2008) trata da globalização como perversidade. Ele assegura que para a maior parte da humanidade a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidade, com o desemprego crescendo cronicamente, a pobreza aumentando e as classes médias perdendo a qualidade de vida, o salário médio baixando, doenças como a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida ou *AIDS* (sigla em inglês), acreditadas extirpadas, voltando triunfalmente, a mortalidade infantil marcando território, a educação de qualidade cada vez mais inacessível, males espirituais e morais como o cinismo, egoísmo, corrupção se alastrando e aprofundando na sociedade.

A perversidade sistêmica que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que caracterizam as ações hegemônicas atuais e todas essas mazelas são direta ou indiretamente imputáveis ao presente processo de globalização.

No mundo como pode ser, Santos (2008) trata de uma outra globalização, mais humana. Para ele, o grande capital se apóia para construir a globalização perversa, entre outras, na unicidade da técnica, na convergência dos momentos e

no conhecimento do planeta. No entanto, essas mesmas bases técnicas podem servir a outros objetivos, se postas a serviço de outros fundamentos sociais e políticos. As condições históricas do século XX apontavam para essa possibilidade, tanto no plano empírico quanto teórico.

No plano empírico, de acordo com Santos (2008), pode-se reconhecer fatos indicativos da emergência de uma nova história: a mistura de povos, raças, culturas, gostos, em todos os continentes, acrescentados - graças aos progressos da informação - da mistura de filosofias, em detrimento do racionalismo europeu. Para o autor, outro indicativo é a produção de uma população aglomerada, em áreas cada vez menores, o que permite um maior dinamismo à mistura de pessoas e filosofias. As massas ganham uma qualidade em virtude de sua aglomeração exponencial e de sua diversificação. Trata-se da existência de uma verdadeira sociodiversidade, historicamente mais significativa que a biodiversidade. Juntando a esses fatos a emergência de uma cultura popular que se serve dos meios técnicos antes exclusivos da cultura de massa, permitindo exercer sobre esta uma verdadeira revanche ou vingança.

Sobre esses alicerces se edifica o discurso da escassez, descoberto pelas massas. A população aglomerada em poucos pontos da Terra constitui uma das bases de reconstrução e de sobrevivência das relações locais, abrindo a possibilidade de colocar o sistema técnico atual à serviço dos seres humanos.

No plano teórico, o que se verifica é a possibilidade da produção de um novo discurso, uma metanarrativa, um novo grande relato, que ganha relevância pelo fato de que, pela primeira vez na história do homem, se pode constatar a existência de uma universalidade empírica. A universalidade deixa de ser apenas elaboração abstrata na mente dos filósofos para resultar da experiência ordinária de cada criatura. Desse modo,

em um mundo datado como o nosso, a explicação do conhecer pode ser feita a partir de categorias de uma história concreta, que permite conhecer as possibilidades existentes e escrever uma nova história. (SANTOS, 2008 p.)

E foi neste cenário, neste mundo globalizado que utiliza a tecnologia para fortalecer as redes, que a Conferência BAWB-GFAL edição virtual teve lugar.

A alta tecnologia empregada na conferência, a forma como ela foi concebida, executada e recebida pelo público, faz pensar se a mesma se configura como uma inovação social.

Na tentativa de responder tal questão, buscou-se verificar como se define uma inovação social, por meio dos autores que já estudaram o tema. E é isso que veremos a seguir.

4 O QUE É INOVAÇÃO SOCIAL

Em seu artigo Castor (2007) informa que, como se trata de um conceito relativamente novo, não existe uma única definição para inovação social. Para Dosi (2003), inovação engloba a busca, a descoberta, a experimentação o desenvolvimento, a imitação e a adoção de novos produtos, novos processos de produção além de novas formas organizacionais. Analogamente, uma inovação social pode ser entendida como a busca, a descoberta, a experimentação, o desenvolvimento, a imitação e a adoção de arranjos sociais alternativos para produzir algo.

Arranjos sociais alternativos são formas não convencionais de organizar o esforço coletivo de produção. Tais formas são diferentes das normalmente adotadas por empresas estritamente econômicas que são guiadas exclusivamente pelas regras da racionalidade instrumental. (CASTOR, 2007 p. 78).

Por que as empresas adotariam arranjos alternativos, quando por definição, agindo economicamente, elas sempre buscam utilizar recursos escassos de maneira eficaz? Pode-se, de acordo com Castor (2007), considerar duas respostas válidas para esta pergunta:

- Primeiro, porque nem todos os que seriam obrigatoriamente considerados em uma empresa econômica estariam presentes em determinados tipos de organizações alternativas. Exemplo disso são os custos de recursos materiais e da mão de obra, que não precisa ser considerado quando fala-se de ONG's, empresas altruísticas, beneméritas ou filantrópicas.

Não se está assim, dizendo que tais custos deixam de existir em termos estritamente econômicos, mas eles não se traduzem em necessidade de pagamento uma vez que são absorvidos pelos voluntários, ampliando a capacidade produtiva dos arranjos.

- Segundo porque na adoção desses arranjos alternativos está implicitamente presente um alargamento da ideia de produção e também de objetivos de desenvolvimento.

Ramos (1981) argumentava que não é apenas em uma organização puramente econômica que ocorre a produção em uma sociedade e que as economias, na realidade, são somente um dos muitos espaços sociais onde a produção tem lugar.

Para este autor o processo de produção de bens e serviços socialmente relevantes ocorre em todo o tecido social, ainda que usando modalidades de organização diversas. Ele afirma que uma igreja ou uma organização de apoio a menores abandonados são locais de produção tanto quanto uma fábrica ou escritório. A diferença está nos produtos, pois das primeiras resultam produtos imateriais e intangíveis, enquanto dos segundos, resultam bens e serviços com valor econômico. Nesse raciocínio, um artista que trabalha isoladamente e uma cooperativa de catadores de papéis geram produtos diversos, mas igualmente relevantes.

Assim, afirma Castor (2007) a ideia de inovação social se respalda em uma visão mais abrangente do desenvolvimento, que vem encontrando crescente aceitação entre os teóricos desenvolvimentistas: a ideia de que políticas e ações tendentes a propiciar ou acelerar o desenvolvimento não devem perseguir apenas objetivos econômicos, mas também devem ser guiadas pela busca da justiça, da equidade, da solidariedade, da inclusão dos grupos marginalizados, da expressão das individualidades, da minimização dos impactos ambientais e da preservação do tecido sociocultural entre outros.

Levando em consideração o parágrafo acima, obtém-se um encorajamento em continuar procurando esclarecer se o BAWB-GFAL edição virtual configura-se em uma inovação social, uma vez que, durante toda a sua concepção e execução, a equipe que nele trabalhou buscou trazer temas à discussão que fossem relevantes para a sociedade como um todo.

Objetivou-se também, promover a inclusão de grupos que, de outra forma que não a virtual e gratuita, não teriam acesso à um evento de tal magnitude e abrangência, a expressão da individualidades e opiniões por meio dos chats, bem como a minimização dos impactos ambientais, justamente por evitar longos deslocamentos.

As redes sociais por meio das mídias foram o que pode ser chamado de as “grandes estrelas” da conferência. Sobre elas veremos em seguida.

4.1. AS REDES SOCIAIS

Segundo Franco (2008), na literatura existe uma confusão sobre redes sociais. Para ele, as pessoas chamam de rede tanto uma forma ou um tipo de organização voluntariamente construída para cumprir uma finalidade, em geral, de natureza social, quanto à rede social que existe como fenômeno objetivo, independentemente de esforços feitos por algum sujeito para tecê-la ou articulá-la.

Franco (2008) afirma que, por variadas e complexas razões de ordem social e tecnológica, a sociedade humana está se conformando cada dia mais como uma rede – que Ghéhenno (1993) chamou de “idade das redes” e Castells (1999) de “sociedade-rede”. Entretanto, a rede social sempre existiu, desde que existem seres humanos se constituindo como tais na relação com outros seres humanos. Assim, a rede social é o que propriamente se chama de social.

Partindo desse princípio, a sociedade não está se constituindo como uma sociedade-rede apenas agora. Toda vez que sociedades humanas são invadidas por padrões de organizações hierárquicas ou piramidais, e por modos de regulação autocráticos, elas se estruturam como rede. Não significa que as formas organizativas que se pretendem ensaiar em uma sociedade não possam também adotar voluntariamente o padrão de rede. Uma organização territorial setorial ou temática voluntariamente construída recebe o nome de rede quando seus integrantes estão conectados entre si horizontalmente (diferente de como se organizam nas estruturas hierárquicas). No entanto, denominação de rede não se aplica adequadamente a muitos esforços voluntários de construir redes, que em geral apenas disfarçam uma organização centralizada ou com um número insuficiente de caminhos, na qual não podem se manifestar plenamente os fenômenos próprios da múltipla conexão em rede distribuída.

4.1.1. TOPOLOGIA DE REDE

No capítulo em que trata sobre a topologia das redes, Franco (2008) expõe que qualquer coletivo de três ou mais seres humanos pode conformar uma rede social, que, por sua vez, nada mais é do que um conjunto de relações, conexões ou caminhos graficamente representados por arestas e por nodos, representados por

vértices. O autor explica que a rede ocorre quando existem múltiplos caminhos entre os nodos.

Segundo ele, a partir de certo número de conexões em relação ao número de nodos, começam a ocorrer fenômenos os quais ele qualifica como surpreendentes na rede. Tais fenômenos independem do conteúdo das mensagens que trafegam pelas conexões, uma vez que o que é realmente relevante é o grau de distribuição da rede, posto que, quanto mais distribuída ou menos centralizada for a topologia desta, maiores serão as chances dos citados fenômenos ocorrerem. Franco (2008) afirma que, uma vez que tais fenômenos não podem ser adequadamente captados e explicados pelas categorias e hipóteses tradicionais que compõem as teorias das ciências sociais, surgiu a nova ciência das redes.

Entre os fenômenos que até a pouco eram desconhecidos e que estão agora sendo investigados, lista como principais, o *clustering* (aglomeramento), *swarming* (enxameamento), a auto-regulação sistêmica, a produção de ordem emergente e a redução do tamanho (social) do mundo (*crunch*). Cita também outras fenomenologias ainda não compreendidas como a pulsação e a intermitência, os múltiplos laços de realimentação de reforço, a interação entre outros, que se configuram como eventos que dependem, além de outros fatores, do número de conexões e de nodos e do grau de distribuição da rede, para serem investigados.

Dessa maneira, o autor aconselha aqueles que pretendem iniciar um estudo, a começar a investigação discutindo as topologias de rede, uma vez que, no espaço-tempo dos fluxos, a topologia, se não determina, pelo menos condiciona fortemente a fenomenologia.

Para este autor costuma-se caracterizar como rede apenas as chamadas redes distribuídas, ao contrário das redes centralizadas e das descentralizadas, cuja topologia é *P2P*, ou seja, os nodos estão ligados ponto a ponto e não por meio de um único centro, o que caracteriza uma rede centralizada ou de vários pólos, característica de uma rede descentralizada.

O autor afirma ainda, que a rigor não se pode falar em redes distribuídas ou redes centralizadas, pois o correto seria falar em graus de distribuição ou, inversamente, em graus de centralização.

Para ilustrar o que está sendo demonstrado, recorreu-se ao diagrama de Paul Baran (1964 apud FRANCO, 2008, p.116):



Figura 1: Diagrama de Paul Baran

Fonte: Escola de Redes – Sustentabilidade Empresarial e responsabilidade Corporativa no século 21. (2008 p. 116)

A figura da esquerda representa uma rede centralizada, a figura do meio seria uma rede descentralizada e a da direita, a rede distribuída.

Outra forma de visualizá-las também seria a representação gráfica usada por Franco (2008) :

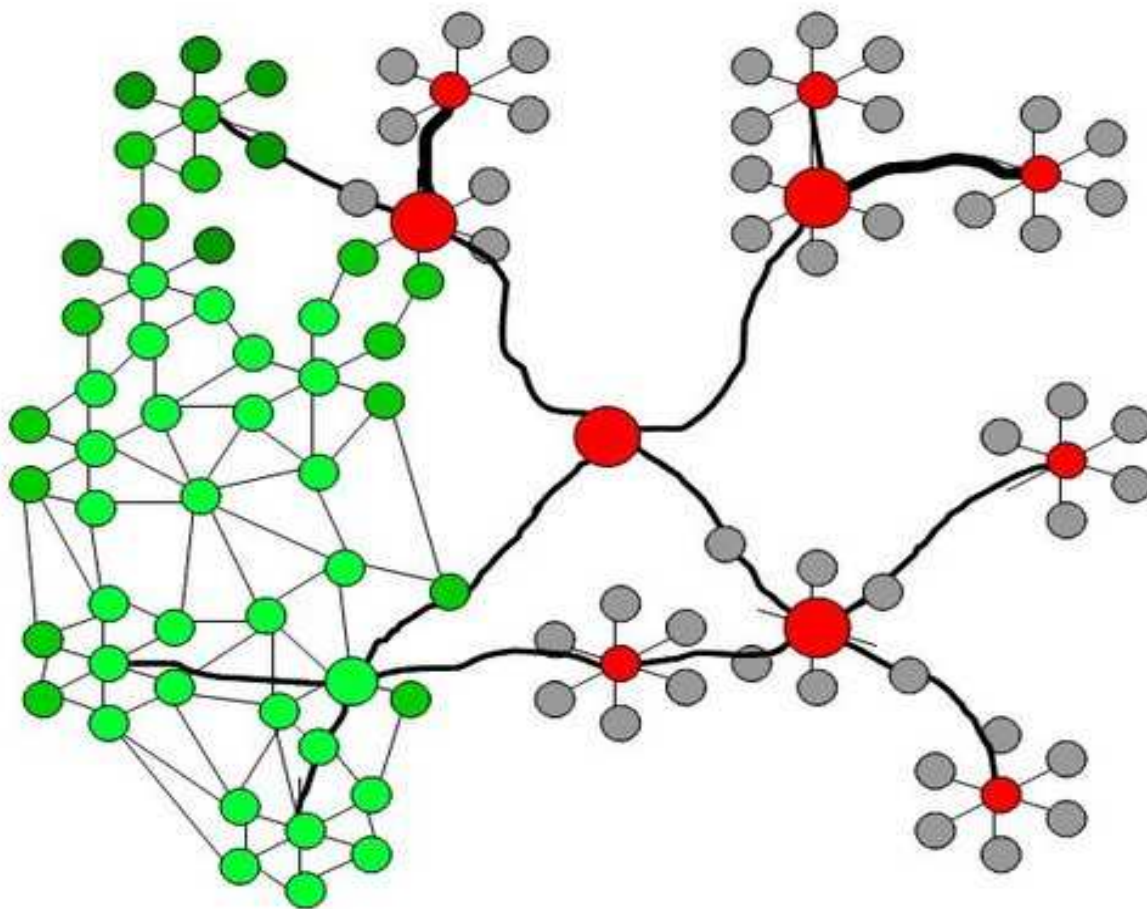


Figura 2: Representação gráfica de uma rede social

Fonte: Escola de Redes – Sustentabilidade Empresarial e responsabilidade Corporativa no século 21. (2008 p. 116)

Vale ressaltar que o autor destaca que entre a monocentralização ou grau máximo de centralização e a distribuição máxima, onde todos os caminhos possíveis correspondem ao número máximo de conexões para um dado número de nodos, existem muitos graus de distribuição e é entre esses dois limites que se realiza a maioria das redes realmente existentes.

Segundo ele, não parece muito consistente falar de rede centralizada ou distribuída, a não ser em termos matemáticos, uma vez que a partir de certo número de nodos, nenhuma rede social real consegue ser totalmente centralizada (pois isso seria supor a inexistência de conexões entre os nodos). A partir de certo número de nodos é impossível uma total centralização ocorrer, uma vez que é o próprio tamanho (social) do mundo que impõe um determinado número mínimo de conexões entre quaisquer nodos escolhidos aleatoriamente. Dessa maneira, os nodos ligados

a um centro tendem a estar ligados entre si também, em alguma medida e esse número de nodos a partir do qual uma rede não conseguirá mais permanecer centralizada, depende do mundo em que se está e de seus graus de separação.

O mesmo vale para as redes de topologia descentralizada, uma vez que existem diferentes graus de descentralização, sendo o menor desses graus já é considerado em termos locais um grau de distribuição. Isso ocorre porque a descentralização máxima coincide com a distribuição. Franco (2008) destaca que uma vez que distribuir é des-con-centrar⁶, mais de um centro já desconcentra.

Afirma também, que não existe um número ideal para uma rede poder ser considerada distribuída, a não ser o número total de conexões possíveis entre seus nodos, o que corresponde ao grau máximo de distribuição.

Uma vez visto esses pontos sobre a topologia das redes, destacamos a afirmação que acreditamos ser a mais relevante para a nossa pesquisa: o fundamental aqui é que o grau de distribuição é o fator mais importante a ser considerado para explicar os fenômenos que ocorrem em uma rede (FRANCO, 2008, p.50).

4.2. A SOCIEDADE EM REDE

Franco (2008) defende que se tem observado nos últimos anos, uma mudança significativa na visão sobre a sociedade. Para ele tal mudança mostra que aquilo que antes se chamava de sociedade, não era exatamente o que estava sendo percebido, ou seja, um conjunto de indivíduos humanos distribuídos em um território e constituído com base em algumas relações recorrentes, normas e instituições historicamente estabelecidas. Para ele, a sociedade é isso também e muito mais.

O social não se refere a um conjunto de seres humanos, mas a um conjunto de relações. E essas relações são conexões que se caracterizam como caminhos pelos quais mensagens podem trafegar. Padrões são mensagens e podem ser transmitidos como tal e o comportamento dos indivíduos é condicionado, ao mesmo tempo, tanto por sua forma peculiar de interagir com outros seres humanos (emitindo, processando e recebendo mensagens) quanto pela configuração e funcionamento da teia de conexões em que esse indivíduo está inserido. O que

⁶ Destaque do autor. P.49

aponta para um imbricamento inescapável entre o indivíduo (possuidor de um fluxo próprio de experiências intransferíveis) e o coletivo (fluxo das conexões com as experiências de outros indivíduos, que o atingem continuamente).

Santaella (2003) traz um ponto de vista semelhante quando afirma que os veículos (nesse caso as redes) são meros canais, ou tecnologias que de acordo com a autora estariam esvaziadas de sentido, caso não existissem as mensagens que por meio delas busca-se transmitir. E tais transmissões necessitam conectar um transmissor a um receptor.

A teia de conexões, para Franco (2008) é a rede social. E a rede social é o que antes era chamado simplesmente de social. E o grande tema da rede social para ele é a auto-regulação. No entanto, quando esta é invadida por padrões de organização hierárquicos e perturbada por modos de regulação autocráticos, a rede tem sua estrutura deformada e seu funcionamento alterado – geralmente por bloqueamento de fluxos – com conseqüências perversas para a qualidade de vida e de convivência social.

Para Franco (2008), ainda é difícil avaliar os impactos que terá essa mudança de compreensão sobre a sociedade, mas um deles recai sobre a atual visão do desenvolvimento, pois pela primeira vez está sendo possível estabelecer uma relação intrínseca entre desenvolvimento e democracia. Tal relação só se tornou perceptível e capaz de ser justificada teoricamente com o surgimento da ideia de capital social

No entanto, o que se chama de capital social – um recurso para o desenvolvimento, aventado recentemente para explicar por que certos conjuntos humanos conseguem criar ambientes cooperativos favoráveis à boa governança, à prosperidade econômica e à expansão de uma cultura cívica capaz de melhorar suas condições de convivência social - nada mais é do que rede social, segundo o autor. Franco (2008) afirma que constatação de que o capital social é produzido em maior escala em ambientes democráticos tem inspirado uma idéia seminal: a de que a democracia é uma espécie de “metabolismo” próprio da rede social.

Do ponto de vista do capital social, ou dessa nova variável que passou a ser considerada, ao lado dos fatores econômicos (o capital financeiro, e o capital físico, ou seja, a renda ou o produto e a riqueza) e dos fatores extra econômicos que também passaram a ser levados em conta (capital humano e capital natural) –

desenvolvimento é o mesmo que sustentabilidade, que é o grande tema contemporâneo.

De acordo com o autor, foi a investigação dos mecanismos ou processos de sustentabilidade que revelou o papel das redes sociais. Somente redes podem ser sustentáveis porque apenas redes conseguem mudar programas de adaptação, mantendo seu próprio padrão de identidade, ou seja, aquilo que permanece invariavelmente em sua forma de se configurar ou de fluir. Isso significa conservação da adaptação, pois só é sustentável o que consegue mudar de acordo com a mudança de circunstâncias, mantendo uma congruência dinâmica com o meio, mas conservando, porém, aquilo que o caracteriza Franco (2008).

Ao entendermos as redes sociais, entendemos também que a tecnologia possibilitou que essas redes (que são as pessoas em suas relações) fizessem uso das mídias sociais para fortalecer, aproximar, facilitar (e algumas vezes também prejudicar e dificultar) tais relações.

O BAWB-GFAL edição virtual utilizou muito da tecnologia. As redes sociais exerceram um papel fundamental para o que foi considerado sucesso do evento.

E tais redes sociais lançaram mão de várias mídias sociais para fomentar a participação e o diálogo no evento. Serão destacadas no presente estudo o *twitter* e o *facebook*, por terem sido as mídias mais utilizadas e as quais apresentamos em seguida.

4.3. O TWITTER

Quando se estudam as redes sociais, salta aos olhos o *Twitter*, ferramenta criada em 2006 para concorrer com o *facebook*, *myspace* entre outras e, de acordo com Cassini (2011) hoje conta com mais de 200 milhões de usuários, sendo a terceira maior rede social do planeta. O fenômeno *Twitter* impressiona pelos dados. Só em 2009, ele cresceu em números de usuários, 1400%. E continua crescendo, de acordo com o autor.

Trata-se de uma ferramenta versátil que dá acesso imediato e simplificado às informações, já que em 140 caracteres as pessoas ou empresas têm que emitir sua mensagem. Para as empresas, ele é extremamente útil, uma vez que pode fornecer informações sobre a notoriedade da marca e atualmente, a presença da empresa

nessa mídia social, confere a esta uma maior credibilidade, pois o consumidor tem o sentimento de que será “ouvido” e terá resposta para suas críticas, dúvidas ou sugestões.

A possibilidade do uso do *Twitter* como meio de comunicação direta é infinita. Hoje podemos saber por meio dele, em tempo real o que está acontecendo no mundo todo, e como o acontecimento está sendo repercutido, de forma veloz e imediata. Esta ferramenta é uma fusão social e tecnológica que transformou o que até então era um monólogo em um diálogo. Pode-se pensar em suas diversas funções e como essa mídia social pode ser utilizada para necessidades distintas. Seja para compartilhar informações e notícias, fazer amizades, *marketing*, válvula de escape, atendimento a clientes ou apenas para “bisbilhotar” a vida alheia.

Trata-se de uma mídia social democratizante, uma vez que possibilita qualquer indivíduo com acesso à Internet a opinar sobre o tema que desejar. É possível até mesmo cogitar a possibilidade de chamar a ferramenta de um facilitador da ação comunicativa, se levarmos em conta que para Habermas (1990) a ação comunicativa é uma forma de ação social, em que os participantes se envolvem em igualdade de condições para expressar ou produzir opiniões pessoais, sem qualquer coerção, e decidir pelo princípio do melhor argumento, ações que visam determinar sua vida social.

A ação comunicativa é dividida por Habermas (1990) em comunicações cotidianas, questionamento, discurso, situação ideal de fala, consenso e comunicações cotidianas novamente.

Nas ações cotidianas, se tem um grupo de indivíduos socialmente organizados (em rede) que troca informações e ideias baseadas em princípios que são de alguma forma entendidos como verdadeiros.

Nas redes sociais, entre elas o *Twitter*, aposentou-se o padrão “um fala e o outro escuta” e criou-se a relação “um fala, o outro escuta, responde e repassa”.

No livro colaborativo *Redes Sociais e Inovações*, Ponce (2011) afirma que a comunicação atual possui três “C’s”: Comunidade, Conversar e Compartilhar. No entanto, as interações (ou a comunicação) só acontecem quando as mensagens e informações fazem sentido para o grupo que dialoga.

De acordo com Case (2011) em sua palestra no TED, a grande questão que se apresenta é que:

nos tornamos um ciborgue toda vez que olhamos para a tela de um computador ou usamos um celular porque estamos entrando em uma relação tecno-social com um pedaço de tecnologia não-humana. Nossos celulares, carros e laptops tornaram-se ciborgues porque nós os empregamos para fazer coisas que não conseguimos como simples indivíduos. Nossos corpos podem estar nos mesmos lugares, mas nossas identidades e pensamentos estão viajando pelo globo.

Com essa “metamorfose”, e a sensação dos indivíduos de estarem protegidos por uma tela ou um avatar, ocorre o incentivo para as pessoas exporem cada vez mais a vida pessoal na rede, podendo algumas vezes trazer consequências funestas para o emissor da mensagem (ou quem *twittou*), afetando até mesmo a sua vida profissional.

Um exemplo disso é o caso bastante repercutido na rede do jornalista de uma revista de um grande grupo editorial que ao *twittar* de modo hostil o que pensava sobre outra revista do mesmo grupo, perdeu o emprego. Ou ainda o diretor comercial de uma empresa de Internet, que durante o final de semana postou comentários ofensivos aos torcedores de um time de futebol patrocinado pela empresa que o empregava e foi demitido logo na segunda-feira.

Parece que essa pretensa “segurança” proporcionada pela tela do computador, fez com que as pessoas não se dessem conta de que tudo o que é postado, *tuwittado* e compartilhado, vai para um espaço público e pode ser acessado por qualquer pessoa no mundo, inclusive chefias.

Rodrigues (2011) cita em seu artigo a pesquisa realizada pela Manpower Recursos Humanos que aponta que em um universo de 1000 empresas, 55% controlam o uso das mídias sociais por parte de seus funcionários, 32% delas afirma que visam proteger dados confidenciais da companhia e ainda 19% que é preciso proteger a reputação.

Tais dados trazem à tona o questionamento sobre a relação existente entre a esfera pública e a privada na vida do cidadão. Ao mesmo tempo em que talvez não seja correto que uma empresa demita um funcionário pelo que ela posta no *twitter* ou em alguma outra mídia social, também não nos parece ético desabafos na rede sobre temas que dizem respeito à organização empregadora ou seus parceiros. O fato é que a sociedade ainda está aprendendo a lidar com isso.

Ressalta-se que tais apontamentos servem, no âmbito de nossa pesquisa, somente para familiarizar-nos com essa ferramenta e nos informar o que vem acontecendo na sociedade, uma vez que, o que vai ser abordado nesse trabalho é

uma outra faceta do *Twitter* já citada aqui, que é a oportunidade que ele dá para que as pessoas tenham voz, dialoguem e sejam agentes de mudança.

Apresentam-se recentemente vários exemplos de protagonismo por parte dos *twitteiros* em eventos de grande impacto na sociedade. Um deles foi a participação massiva da população do Rio de Janeiro quando da ocupação dos morros pelo Batalhão de Operações Policiais Especiais, o BOPE.

Na ocasião, quem acompanhou o *Twitter* percebeu que houve um grande engajamento dos cidadãos – porque aquela ação por parte do poder fazia sentido para eles – em ajudar. As pessoas twittavam alertando quanto a lugares nos quais estavam acontecendo conflitos, informando o passo a passo da polícia e ainda desmentindo twittes falsos que só queriam incitar o pânico e promover o medo. O interessante foi que a própria polícia começou a usar o twitter tanto para informar à população sobre suas ações como para também se orientar e observar a repercussão de suas estratégias junto à sociedade.

Tais exemplos apontam as mudanças sociais e culturais que estão acontecendo ao redor do globo.

4.4. O Facebook

No prólogo de seu livro, Kirkpatrick (2011, p.15) diz que o facebook, “sendo uma ferramenta de comunicação fundamentalmente nova, produz efeitos interpessoais e sociais fundamentalmente novos”.

Para o autor, o que ele chama de O Efeito Facebook, acontece quando essa rede social põe as pessoas em contato, o que pode acontecer algumas vezes de forma inesperada, em torno de algo que tenham em comum. Esse algo em comum pode ser uma experiência, um interesse, um problema ou uma causa. O interessante é observar que, de acordo com as afirmações do autor (que podem ser confirmadas por meio de observação):

isso pode acontecer em pequena ou grande escala – desde um grupo de dois ou três amigos ou uma família até milhões, como na Colômbia . O software do facebook imprime uma característica viral à informação.

As ideias do facebook têm a capacidade de se espalhar pelos grupos e fazer com que um grande número de pessoas tome conhecimento de algo quase simultaneamente, propagando-se de uma pessoa para outra e para muitas com uma facilidade rara – como um vírus ou meme. Você

pode enviar mensagens para outras pessoas mesmo que não esteja explicitamente tentando fazer isso. (KIRKPATRICK, 2011,p.15)

O autor exemplifica o que ele chama de O Efeito Facebook com o caso da comunidade *Un Millon de Voces Contra Las FARC*, lançada no *site* pelo colombiano Oscar Morales, indignado com as ações deste grupo naquele país e que em poucos dias foi difundida por todo o globo, resultando na ação mundial denominada Passeata Nacional contra as FARC realizado ao mesmo tempo não só a Colômbia como também em Miami, Buenos Aires, Madri, Los Angeles, Paris e outros lugares.

Ressalta ainda que toda vez que um novo integrante que se juntava ao grupo, o facebook distribuía essa informação para os *feeds* de notícias para os amigos dessa pessoa. Isso incentivava os amigos desses primeiros a entrarem também na comunidade e em seguida aos amigos desses amigos. Com esta dinâmica, “campanhas como a de Morales contra as FARC, que explora uma necessidade ou um desejo latente, pode se espalhar de forma viral com a velocidade de um raio e fazer com que um grupo cresça imensamente da noite para o dia” (KIRKIPATRICK, 2011, p.16).

Destaca que, enquanto antigamente a difusão de informações em larga escala era privilégio do rádio e da televisão, atualmente O Efeito Facebook possibilita que pessoas comuns originem a transmissão, sem nem mesmo necessitarem conhecimentos especiais ou habilidades específicas, resultando em um impacto político e social significativo.

Para o autor, “o facebook torna mais fácil a organização das pessoas” (KIRKIPATRICK, 2011, p.16), uma vez que dá a indivíduos em sociedades de todo o mundo mais poder em relação às instituições sociais, o que pode levar a mudanças perturbadoras, podendo desestabilizar instituições e ao mesmo tempo desafiando antigas instituições e práticas estatais repressivas como no Egito, Síria e Indonésia.

Afirma ainda que

O Facebook está mudando o mundo. Tornou-se uma abrangente experiência cultural partilhada por pessoas em todo o planeta, especialmente jovens. Apesar de seu início modesto como um projeto de faculdade de um rapaz de 19 anos de idade, tornou-se uma potência tecnológica com influência sem precedentes sobre toda a vida moderna, tanto pública quanto privada. Sua composição inclui as mais diversas gerações, geografias, idiomas e classes sociais. Talvez seja, na realidade, a empresa de mais rápido crescimento de toda a história. O Facebook é ainda maior em países como Chile e a Noruega do que nos

Estados Unidos. Ele muda a forma como as pessoas se comunicam e interagem, como os comerciantes vendem seus produtos, como os governos chegam aos cidadãos e até como as empresas operam. Está alterando a natureza do ativismo político e, em alguns países, está começando a afetar o processo da própria democracia. Já não é apenas um brinquedo para estudantes universitários. (KIRKPATRICK, 2011, p.24)

De acordo com seus estudos, se uma pessoa usa a internet, tem a probabilidade cada vez maior de usar o facebook, uma vez que este é o segundo *site* mais visitado depois do *Google* e em novembro de 2010 contava com 600 milhões de usuários ativos. Mais de 2 bilhões de pessoas que usam a internet no mundo, usam também o facebook regularmente, gastando cerca de 23 bilhões de minutos no site diariamente. O número de pessoas no site está aumentando a uma taxa de 5% ao mês e, caso as taxas de crescimento tanto do Facebook quanto da internet permanecerem estáveis, de acordo com os cálculos apresentados pelo autor, em 2013 todas as pessoas *on line* no mundo estariam no Facebook.

E Kirkpatrick (2011) apresenta mais dados numéricos: O Facebook opera em 75 idiomas e 75% dos usuários estão fora dos Estado Unidos (seu país de origem). Aproximadamente 46,8% da população norte americana é ativa na ferramenta (cerca de 143 milhões de pessoas). No Canadá, 50,5% da população utiliza esta mídia social.

Fazendo um *ranking* de utilização do facebook no mundo, o autor revela que em primeiro lugar está os Estados Unidos, seguido pela Indonésia, Reino Unido, Turquia, França, Filipinas, Canadá, México, Índia e Alemanha. E os países nos quais a utilização cresceu mais rapidamente entre novembro de 2009 e novembro de 2010 são Romênia, Coréia do Sul, Hungria, Tailândia, Ucrânia, República Dominicana, Letônia, Iraque, Brasil e Equador.

Para o autor essa escala, essa taxa de crescimento e de penetração levantam complicadas questões sociais, políticas e regulatórias, uma vez que não sabemos como o Facebook irá alterar as interações dos usuários no mundo real, nem como governos repressivos irão responder a uma nova forma de promover e ampliar a autonomia e poder de decisão dos cidadãos. Questiona se um serviço tão grande deve ser regulamentado e como se sente a população diante do fato de uma forma inteiramente nova de comunicação utilizada por centenas de milhões de pessoas ser totalmente controlada por uma única empresa.

Afirma que tais tensões em torno dessas questões devem crescer caso o facebook continue estendendo sua influência a uma parcela cada vez maior do planeta.

E quando falamos da expansão do facebook ao redor do mundo, é inevitável não pensarmos no nível de exposição ao qual as pessoas se submetem ao postarem cada vez mais particularidades de suas vidas. No perfil do Facebook, todas as informações a respeito da pessoa são divulgadas, não permitindo, por exemplo, que haja um perfil profissional e outro pessoal.

Segundo Kirkpatrick (2011) esse não é um fato acidental, uma vez que a ferramenta foi concebida dessa maneira, devido à crença de Zuckerberg de que as pessoas têm uma única identidade e que o nível de transparência do mundo atual não suporta que haja duas identidades para uma única pessoa:

Esse é o grande desafio: levar as pessoas a esse maior ponto de abertura. Mas acho que vamos conseguir. Só que vai levar um tempo. O conceito de que o mundo será um lugar melhor se você compartilhar mais é algo ainda bastante estranho para muitas pessoas e vai contra todas essas preocupações com privacidade. Zuckerberg (2011 apud KIRKPATRICK, 2011, p.216).

E o crescimento do número de usuários do Facebook ao redor do mundo parece demonstrar que mesmo com o alto grau de exposição, as pessoas estão cada vez mais aceitando o produto criado para permitir-lhes, de forma simples, compartilhar o maior número de informações possível.

Kirkpatrick (2011) narra a construção da ferramenta de tradução do Facebook, o que para nós se configura como um exemplo da colaboração e construção coletiva, uma vez que no lugar de utilizar horas de trabalho de pessoas contratadas para traduzir as 300 mil palavras e frases do *site* em muitos outros idiomas, o facebook passou a tarefa para a multidão e encontrou o que o autor chama de uma enorme quantidade de saberes.

O autor narra que para criar uma versão em cada novo idioma, o facebook apresenta uma lista de palavras a serem traduzidas. Assim, enquanto utiliza o *site*, qualquer pessoa pode traduzir quantas palavras quiser para vários idiomas: o alemão, espanhol, o suáli ou o tagalo.

A versão do Facebook em espanhol foi totalmente construída dessa maneira.

Seguindo o princípio de redes defendido por Franco (2008), percebemos que o facebook é uma ferramenta altamente democratizante, uma vez que para seus

criadores, ele é para todas as pessoas de todas as idades ao redor do mundo, e objetiva dar aos usuários mais informações sobre as pessoas a sua volta criando, dessa maneira, mais empatia.

Esta afirmação é sustentada pela citação que Kirkpatrick (2011) faz de Peter Thiel, gestor de fundos da *hedge* e *ventures capitalist* que afirma:

O facebook é uma ferramenta – chave para um mundo que está se tornando muito menor. As pessoas num mundo globalizado vão estar mais próximas umas das outras. O valor fundamental que terei em mente será mais tolerância. O que me agrada no modelo facebook é que ele está centrado em seres humanos verdadeiros e lhes permite fazer amizade com outras pessoas e construir relacionamentos não só no contexto em que já se encontram, mas em outros contextos também. Globalização não significa necessariamente que você seja amigo de todas as pessoas do mundo, mas, de alguma forma, significa que você está muito mais aberto a muito mais pessoas em muito mais contextos do que antes. Peter Thiel (2011 apud KIRKPATRICK, 2011, p.297).

Tais afirmações nos dão uma pista do porque o facebook foi altamente utilizado na divulgação do BAWB-GFAL edição virtual e como esta ferramenta ajudou a contribuir para o sucesso do evento,

No entanto está claro que por mais eficientes, democratizantes, influentes e abrangentes que sejam o *twitter*, o *facebook* ou qualquer outra mídia social, elas, por si só, nada realizam.

As pessoas que as manuseiam precisam ser inspiradas pela mensagem, o que tenta-se realizar deve fazer sentido para estas pessoas para que, ai sim, estas sintam-se motivadas para utilizar as mídias e cooperar, colaborar com a causa.

Sobre a cooperação e a construção coletiva este estudo trata em seguida.

5 COLABORATIVISMO

A palavra colaborativismo representa bem o espírito da comunicação nessa nova era, uma vez que colaborativismo é simplesmente o ato de colaborar, cooperar, ajudar a construir algum conteúdo.

É uma das grandes tendências da Internet. Pessoas que nunca se falaram, se juntam para financiar um disco, uma música, um livro, promover um evento, entre outras atividades.

Segundo Giardelli (2011) vivemos a era da cooperação e da reputação, na qual, de acordo com Leadbeater (2011) você é o que você compartilha e Moura (2011) nos traz que colaborar é mais do que um ato de solidariedade, em um mundo em que tudo e todos se conectam e as mídias são construídas coletivamente. Consiste no processo de criação de inteligência coletiva, com o objetivo de transformar uma massa de informações em conteúdos significativos para as pessoas.

Para Moura (2011) a sociedade está vivenciando uma revolução sem precedentes, uma vez que se a Revolução Industrial abriu caminhos para a produção em massa e essa revolução na comunicação propicia a disseminação de idéias e pensamento em larga escala. Para constatar essa afirmação, basta observar que a forma pela qual as pessoas se comunicam atualmente não é mais a mesma de quatro anos atrás e há quem afirme que em seis meses já terá mudado novamente.

Vale ressaltar que conforme afirma Franco (2008, p.22): as redes sociais não reinventam as formas de comunicação humana. Elas tão somente as amplificam, dando voz a pessoas em diferentes pontos do planeta, com histórias de vida e contextos sociais diferentes.

Nesse novo cenário, o grande potencial das mídias digitais está na promoção de relacionamentos, proporcionando uma comunicação de mão dupla, na qual a interação é o foco de todos os planejamentos e todas as ações que se façam por meio delas.

Sobre esse ponto, Franco (2008) destaca que muitas pessoas ainda insistem em dizer que as redes são baseadas em cooperação, o que é verdade, mas não

pelas razões apresentadas por elas. Para o autor, as pessoas pensam que as redes são uma nova forma de organização baseada em princípios cooperativos, como se aderir tais princípios fosse uma condição para que alguém se conecte. Se fosse dessa forma, as redes seriam colaborativas porque, ao compô-las, as pessoas fariam uma espécie de profissão de fé nas vantagens da cooperação e mudariam pessoalmente seu comportamento para participar das redes.

Mas não ocorre dessa maneira. Nas palavras de Franco (1998) “as redes sociais não são sociedades angelicais ou clubes seletos de pessoas cooperativas”. O autor afirma que de fato as redes sociais convertem competição em cooperação, mas tal conversão é resultado de sua dinâmica. Elas não convertem indivíduos competitivos, beligerantes e possuidores de forte animo adversarial em pessoas cooperativas, pacíficas e amigáveis.

O que acontece é que, ao favorecer a interação e permitir a polinização mútua de muitos padrões de comportamento, o resultado do funcionamento de uma rede social é produzir mais cooperação.

Nesse contexto, as pessoas podem continuar querendo competir entre si, porém, quando se conectam em uma rede, tal esforço não prevalece, como resultado geral, uma vez que na rede, elas não podem impedi-las de fazer o que querem e nem obrigá-las a fazer o que não querem.

Olhando a cooperação pelo viés empresarial, temos Senge (2009), que ao citar Margaret Mead “nunca duvide de que um pequeno grupo de cidadãos conscientes e interessados sejam capazes de mudar o mundo. Na verdade, essa é a única maneira de fazê-lo”, complementa dizendo que tal fenômeno depende da capacidade desses cidadãos de construir redes.

Para Senge (2009) a construção de massa crítica para a mudança dentro das organizações sempre começa pequena e às vezes continua pequena. No entanto, há um esforço das organizações para desenvolver grandes redes de colaboradores, pois as empresas sabem que sem isso, não realizarão nada. A execução de mudanças significativas em grandes sistemas exige a construção de redes semelhantes que interliguem muitas organizações diversas.

Senge (2009) afirma ainda que, apesar de se tratar de uma tarefa difícil, a toda hora se torna cada vez mais evidente que a colaboração é a face humana do pensamento sistêmico e que para ser bem sucedida, ela requer o aprimoramento da

capacidade de arregimentação de modo a reunir as pessoas certas e promover debates cada vez mais abertos e produtivos e necessita que o cultivo de aspirações genuinamente compartilhadas, com as quais todos os participantes se sintam comprometidos.

Após fornecer vários exemplos de empresas e organizações empresariais de todo o mundo que colaboram por mudanças sistêmicas para o enfrentamento de questões mundiais comuns, o autor informa que em âmbito global atuam além-fronteiras centenas de entidades colaborativas semelhantes, ao mesmo tempo em que se criam todos os dias cada vez mais alianças de diferentes tamanhos em diversos setores.

E para este autor a explicação para toda essa colaboração transfronteiriça é que com a complexidade crescente das questões globais, as pessoas estão começando a compreender que qualquer organização isolada não irá muito longe na promoção da mudança.

A fim de comprovar seu argumento, Senge (2009) cita o presidente da Alcoa *Primary Metal Development*, Randy Overbey o qual afirma que “a colaboração é fundamental para alcançar escala” e identifica que por trás deste comentário, destacam-se a necessidade de construir massa crítica para a mudança dentro da organização e a importância de conectar diferentes organizações para que façam juntas o que nenhuma pode fazer sozinha.

Tais parcerias foram possíveis de acordo com o autor, devido a alta capacidade de colaboração. E em última análise, colaboração envolve relacionamentos, e relacionamentos não florescem com base em cálculos racionais de custos e benefícios, mas sim e apenas no “*solo fértil da solidariedade autêntica e das vulnerabilidades múltiplas*”.

Afirma ainda que a construção da capacidade de colaborar é trabalho exaustivo que demanda o melhor das pessoas, principalmente quando envolve representantes de organizações, (ou mesmo de diversos departamentos em uma grande organização), com diferentes objetivos e com pouca experiência de trabalhar juntos.

Complementa dizendo que descobriu que o desenvolvimento da capacidade de colaboração depende de três outras habilidades que são: arregimentar, ouvir e fomentar o comprometimento comum.

Uma vez que se julga terem sido abordados até aqui todos os temas que alicerçam o presente estudo, os capítulos seguintes trarão um histórico da conferência no Brasil, seguido pela descrição do que foi e como foi a edição virtual, com trechos das palestras selecionadas para o estudo e, em seguida as considerações finais.

5.1. GLOBAL FORUM AMÉRICA LATINA

O movimento do Global Fórum iniciou-se em 2000, quando o então secretário geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, propôs à comunidade empresarial mundial a adesão ao Pacto Global, composto naquela época por nove princípios nas áreas de direitos humanos, trabalho e meio ambiente e se transformou na maior iniciativa corporativa de responsabilidade socioambiental em todo o mundo, integrando agências da ONU, empresas e a sociedade civil organizada.

Tal movimento tomou forma em um momento no qual, segundo Rocha Loures (2009)

vivemos uma fase de reflexão – ação que coloca na pauta da sociedade global a necessidade de mudança dos valores culturais que imperavam até aqui nos sistemas de produção e consumo. Vivemos, enfim, uma fase de construção ou criação de valores sobre como podemos ser mais sustentáveis (ROCHA LOURES, 2009,p. 161)

Rocha Loures (2009) informa que o Global Fórum América Latina é um desdobramento do BAWB - Global Fórum, que por sua vez é uma aliança operacional do BAWB e do Pacto Global em parceria com a Academy of Management.

Segundo o autor supramencionado, o principal objetivo do BAWB é repensar o papel dos negócios enquanto fundamentais protagonistas para o bem estar e o desenvolvimento sustentável das comunidades em que se inserem.

Acredita-se ser o movimento BAWB que nasceu de uma conferência entre empresários e pesquisadores da área de Desenvolvimento Organizacional em Baltimore nos Estados Unidos um mês após a queda das torres gêmeas do *World Trade Center*, (o que foi entendido por Annan como mais um sinal de que era

preciso repensar o modelo global de produção e consumo) um exemplo que pode ser usado nesse estudo de formação de uma rede global visando um objetivo comum.

Após uma rica caminhada, no ano de 2008 foi realizada em Curitiba a conferência para a América Latina, que teve como tema central “Empresas, universidades e sociedade num mundo sustentável”.

A conferência foi, na verdade, uma reflexão compartilhada pelos participantes quanto às formas de proporcionar aos estudantes das áreas de conhecimento contempladas, (Administração, Tecnologia, Economia, Engenharia e Negócios da América Latina) valores e instrumentos que os tornem aptos a agir conforme os requisitos da sustentabilidade.

Para esse estudo é importante destacar que, além de abordar temas de interesse global, a conferência utilizou-se do diálogo como ferramenta para a mudança, por meio da metodologia da Investigação Apreciativa⁷ - IA, na qual é dada a oportunidade para que cada pessoa possa falar e ser ouvida (Cooperrider, 2006).

Seguindo o mesmo princípio das redes sociais que já foi citado neste estudo, um processo de Investigação Apreciativa permite a construção de conhecimentos em grupo a partir do que há de melhor nas pessoas, por meio de uma reflexão coletiva inspirada pela cooperação em favor de um objetivo comum. Assim como nas redes, - e se pode afirmar que um grupo que se junta em um processo de Investigação Apreciativa (ou IA) está formando uma rede, seguindo a premissa de Franco (2008) - há menos hierarquia e mais diversidade, pois as pessoas autogerenciam seu trabalho e usam o diálogo apreciativo como ferramenta de mudança, se ajudando mutuamente, a fim de realizar tarefas e assumir responsabilidades por ações e percepções.

No processo de Investigação Apreciativa, o movimento para a ação é guiado por inspiração interna, liderança compartilhada e iniciativa voluntária. Dessa forma, as pessoas trabalham no que têm mais paixão, no que mais lhes interessa e no que acreditam que fará diferença positiva.

Quanto à participação, Rocha Loures (2009) afirma que mais de 1.300 pessoas estiveram presentes na conferência, oriundas de catorze estados

⁷ Em anexo maiores explicações

brasileiros, e de países como Argentina, Chile, Paraguai, Uruguai, Estados Unidos e Espanha.

Usando a Investigação Apreciativa e seguindo os preceitos de democratização de “dar a voz a todos”, a conferência possibilitou que essas pessoas, fossem elas, empresários, executivos, representantes da academia, do poder público e da sociedade civil, sentassem em uma mesma mesa e dialogassem como iguais em torno de propostas relacionadas aos temas que lhes eram comuns.

A principal meta do Global Fórum de Curitiba em 2008, segundo Rocha Loures (2009) foi promover uma articulação para a ação cooperativa, a formação de alianças estratégicas e parcerias entre os atores implicados.

Para o autor, a conferência contribuiu para reforçar as relações entre o mundo empresarial e acadêmico (por meio do engajamento das pessoas). O compartilhamento de conhecimentos permitiu identificar oportunidades de negócios a partir de exemplos de práticas empresariais focadas na sustentabilidade. O diálogo aberto facilitou a geração de propostas para inovações tanto na educação quanto na produção, na construção social, nas formas de consumo e na gestão pública.

Como resultado do Global Fórum 2008, o autor, que à época era Presidente da Federação das Indústrias do Estado do Paraná (instituição que realizou a conferência), informa que foram produzidas setenta e sete propostas de ação relacionadas aos temas abordados e o *site* (www.globalforum.com.br) apresenta os grupos de trabalho que foram criados voluntariamente pelos participantes com o intuito de dar encaminhamento a tais propostas.

Com essas informações, verifica-se que a mobilização das pessoas em função de objetivos comuns foi o ponto forte dessa conferência e a organização de tais pessoas em redes para trabalharem juntas se deu. Se tem notícias por meio do site do encaminhamento dos trabalhos até um determinado ponto, e depois verificamos uma interrupção, o que também é legítimo, uma vez que, segundo Franco (2008) redes voluntariamente articuladas não duram e não são para durar para sempre. Segundo o autor, nada dura toda a vida e se durar como é, certamente não será sustentável.

Tal dinâmica nos remete às Comunidades de Prática de Wenger (2002) que possuem como elementos estruturais o domínio, a comunidade e a prática. Este autor explica que o domínio é aquilo que ajuda a criar uma base comum e um

sentido de desenvolvimento de uma identidade, legitimando a existência da comunidade pelo que ele chama de afirmação dos seus propósitos e valor aos membros dessa comunidade.

Portanto, o domínio em uma comunidade de prática é o elemento principal de inspiração de cada membro para contribuir e participar de modo a dar significado a suas ações e iniciativas. O domínio, segundo o autor, não é um conjunto fixo de problemas, e sim algo que acompanha a evolução do mundo social e da comunidade. É importante para esse trabalho enfatizar a afirmação do autor de que o domínio é claramente entendido como não sendo a tecnologia em sí, mas os problemas e as situações abordadas.

Em um processo de aprendizagem, de acordo com Wenger (2002) (e utilizam-se neste estudo a abordagem do autor para processos de aprendizagem por entender-se que em uma rede social sempre ocorre aprendizagem, amparados por Maturana (2009) quando afirma que se aprende na convivência) a comunidade é aquilo que constitui o tecido social e, se assumirmos que a aprendizagem é uma questão essencialmente de pertencimento e de participação, a comunidade se torna um elemento central, uma vez formada por um grupo de pessoas que interagem, aprendem conjuntamente, constroem relações entre si, desenvolvem um sentido de engajamento e de pertencimento.

O autor destaca ainda, que a ideia de comunidade não implica na existência de uma homogeneidade, uma vez que ao mesmo tempo em que as interações em longo prazo tendem a criar uma história comum e uma identidade comunitária, elas também encorajam a diferenciação entre os membros que assumem papéis distintos e criam suas diversas especialidades e estilos. Dessa forma, à medida que a comunidade evolui, a sua natureza muda.

O último elemento estruturante das comunidades de prática segundo Wenger (2002) é a prática, que é constituída por um conjunto de esquemas de trabalho, ideias, informação, estilos linguagem, histórias e documentos que são partilhados pelos membros da comunidade. O que difere o domínio da prática, é que aquele denota o tópico em que a comunidade se foca enquanto esta é o conhecimento específico que a comunidade desenvolve e tende a evoluir como um produto coletivo integrado nos trabalhos dos participantes, organizando o conhecimento em formas

que o torna útil e reflita a perspectiva do grupo. Diante disso, concluímos que as comunidades de prática são um exemplo de rede social.

Voltando o olhar para a teoria das redes, Franco (2008) afirma que cada uma tem um tempo de vida, se fazendo e se desfazendo, sumindo e reaparecendo muitas vezes como outras redes. Afirma ainda que por outro lado, uma rede não cresce apenas aumentando seus nodos e sim também aumentando sua conectividade bem como seu grau de distribuição. Para ele, é possível ainda que a rede cresça aumentando o que ele chama de “largura da banda” das suas conexões. Talvez a rede além de crescer, o que é caracterizado pela mudança quantitativa, também se desenvolva e tal desenvolvimento é evidenciado pela mudança qualitativa. E, segundo Franco (2008) talvez seja mais importante se desenvolver – ou promover mudanças regulacionais, do que propriamente crescer.

Destacamos aqui, a afirmação do autor de que,

Frequentemente nos preocupamos com as redes que param de crescer, mas as redes são móveis mesmo. Crescem até certo ponto, ou melhor, dentro de um certo tempo (o seu tempo) e depois tendem a diminuir e até a desaparecer. (FRANCO, 2008, p.132).

Considerando tal afirmação juntamente com a mencionada anteriormente de que cada rede tem um tempo de vida, se fazendo e se desfazendo, sumindo e reaparecendo muitas vezes como outras redes, podemos inferir que o movimento Global Fórum está no caminho certo, pois partiu da conferência de 2008, passou por várias etapas e chegou a sua edição virtual, sobre a qual falaremos em seguida.

5.2. BAWB – GFAL edição virtual

Ao acessar o *site* da conferência e verificar sua edição virtual, recebe-se a informação de que tal edição foi pautada na emissão de carbono zero, uma vez que foi totalmente realizada de forma virtual por videoconferências transmitidas via web para todo o planeta, dando continuidade à interação e ao diálogo sobre aspectos relevantes de gestão para o mundo empresarial, acadêmico e para a sociedade como um todo.

A equipe que atuou na concepção do BAWB – GFAL edição virtual contou com pessoas que trabalharam nas edições anteriores (presenciais) e que tinham como objetivo a criação de plataformas e espaços para dialogar, permitindo a

imersão de pensamentos divergentes, - o que se constitui como base para a inovação – e para conversar, aflorando a emergência de pensamentos convergentes, resultando na colaboração.

Todo o trabalho de divulgação da conferência foi feito por meio das mídias sociais (*facebook*, *twitter*, blogs) e pelas redes de contatos com instituições de ensino em toda a América Latina, países europeus e EUA, empresas, e, principalmente, pessoas que acreditaram na causa e divulgaram em suas redes de contatos.

O resultado foi que mais de 4.500 pessoas se inscreveram na conferência e durante os três dias de transmissão foram contabilizados mais de 15.000 acessos.

Além de acessarem as palestras no dia da transmissão, observou-se uma grande mobilização do público em acompanhar o *site* durante a construção da programação e a divulgar por meio do *facebook* ou do *twitter* cada nova palestra que se confirmava.

Tal divulgação espontânea, mais do que um convite aos contatos para participarem assistindo as palestras, se configurou também em um pedido para que estes divulgassem em suas redes de contato e fomentassem tanto a audiência quanto os diálogos e debates sobre os temas abordados.

Naturalmente a reputação dos palestrantes e os temas trabalhados foram fatores primordiais para o engajamento das pessoas.

A tecnologia foi a grande aliada da conferência, pois por meio dela se tornou possível alcançar um número cada vez maior de participantes. Muitos dispositivos móveis foram utilizados para acessar a conferência, como nos mostra a tabela a seguir:

Tabela 1 - Visitas por meio de dispositivos móveis

Tipo de Dispositivo	Número de Visitas
Ipad	157
Iphone	133
Android	54
Ipod	12
Symbianos	9
Blackberry	1
Samsung	1
Windows	1
Total	368

Fonte: Isat (2011)

Além dos dispositivos móveis vistos acima, 11 sistemas operacionais diferentes foram utilizados para acessar as palestras:

Tabela 2 - Sistemas operacionais utilizados para visualizar as palestras

Sistema Operacional	Número de Visitas
Windows	13.020
Macintoshi	1.565
Linux	226
Ipad	157
Iphone	133
Android	54
Ipod	12
Symbianos	9
Não definidos	3
Balckberry	1
Samsung	1
Total	15181

Fonte: Isat (2011)

Percebe-se pelas informações acima que em termos de audiência a conferência foi o que se pode considerar um sucesso. O que chama atenção é a diversidade de público, uma vez que pessoas de 41 países se conectaram:

Tabela 3 - Países participantes da conferência

País	Número de Visitas
Brasil	14.396
Estados Unidos	154
Argentina	122
Índia	101
Chile	86
Espanha	54
Colômbia	38
Canadá	26
Costa Rica	23
Suécia	21
Finlândia	16
Dinamarca	15
França	11
Reino Unido	11
México	11
Uruguay	11
Paraguay	10
Não identificados	9
Nova Zelândia	8
Bolívia	7
Portugal	7
Alemanha	5
Itália	5
Peru	4
África do Sul	3
Venezuela	3
Guatemala	2
El Salvador	2
Equador	2
Austrália	2
Total	15.165

Fonte: Isat (2011)

Voltando o olhar para o número de países que tiveram ciência da realização do global fórum e levando em conta que não foram usadas as mídias tradicionais para divulgá-lo, mas tão somente as mídias sociais e as redes de contatos, acredita-se ter aqui estampado um exemplo do que Giardelli (2011) chama de “era da

criatividade e generosidade global”, na qual um indivíduo conhece um conteúdo, o julga relevante e interessante e o divulga, ou compartilha com sua rede.

Dessa forma, temos a atuação do que Franco em sua carta Rede Social 191 de 05/06/09⁸ classifica como buscadores cada vez mais autônomos e polinizadores cada vez mais interdependentes.

A atuação das pessoas que divulgaram e compartilharam o BAWB – GFAL edição virtual foi de suma importância para o sucesso da conferência. Universidades envolveram seus alunos e, desse envolvimento nasceu um novo projeto dentro do Fórum, denominado Imaginar para Ver.

O intuito do Imaginar para Ver foi convidar representantes da academia (estudantes, professores, pesquisadores) a subirem vídeos nos quais compartilhavam seus desejos, expectativas, recomendações e sugestões em relação à educação. Tais depoimentos ajudariam a construir um documento para ser entregue à Conferência Internacional Rio+20 em junho de 2012.

Para tanto, foram elaboradas coletivamente algumas perguntas norteadoras para os depoimentos⁹ que deveriam ser apresentados em vídeos de no máximo um minuto. Muitas instituições de ensino incentivaram seus alunos, professores e funcionários a participar da iniciativa e o resultado pode ser visto no *site*. Um rico material, com vários vídeos e propostas diversas, oriundas de vários pontos de vista e que ajudaram a construir um material de apoio para a conferência Rio+20 que aconteceu em junho de 2012 na cidade do Rio de Janeiro.

Todo esse engajamento mostra que a teoria das redes se comprova, uma vez que esta apregoa que quando o indivíduo acredita na causa, ele se envolve , interage e colabora.

E essa colaboração ficou ainda mais evidente na participação dos palestrantes. Foram mais de setenta pessoas, com conhecimento relevante em suas áreas e reconhecidas na comunidade acadêmica e empresarial, que se dispuseram a colaborar, partilhar seus estudos, conhecimentos e experiências com o mundo, participando da Conferência à partir de suas cidades, sem no entanto, receberem pagamentos de nenhuma natureza por suas intervenções.

Entendemos a magnitude dessa conduta, quando nos deparamos com nomes como Humberto Maturana, Evandro Ouriques, Augusto de Franco, Gil Giardelli,

⁸ http://augustodefranco.locaweb.com.br/cartas_comments.php?id=328_0_2_0_C

⁹ Para conhecer as perguntas acesse: <http://www.globalforum.com.br/FreeComponent16630content143769.shtml>

Ronald Fry, Marc Giget, Fred Collopy, Bernard Toro e tantos outros que têm uma agenda cheia e, no entanto, se dispuseram a contribuir com horas dos seus dias.

Ao todo a conferência contou com setenta e quatro palestras distribuídas de acordo com os eixos temáticos. Para o presente trabalho foram selecionadas vinte e duas, levando-se em consideração o tema abordado e a própria fala dos palestrantes que trazem elementos relevantes para o estudo.

Com o intuito de preservar a imagem dos palestrantes foi formulado o quadro abaixo que apresenta o local a partir do qual a palestra foi ministrada e o número de acessos da mesma.

Vale esclarecer que o número de acessos não nos remete a uma classificação de mais sucesso ou maior importância de uma palestra em relação a outra. Os números objetivam exclusivamente demonstrar a reação e a mobilização das pessoas em rede e de acompanharem o evento *on line*.

O local a partir do qual foram feitas as falas interessa para demonstrar a abrangência e capilaridade do BAWB-GFAL edição virtual, alcançados exclusivamente pela mobilização espontânea das redes de contatos por meio das mídias sociais (nesse caso *twitter e facebook*).

Tabela 4 - Palestrantes da conferência

Palestrante	Cidade	País	Número de acessos (aproximado)
A	Clevelandn (Ohio)	Estados Unidos	3.000
B	São Paulo	Brasil	2.000
C	Nova Iorque	Estados Unidos	900
D	Santiago	Chile	800
E	São Paulo	Brasil	2.000
F	Paris	França	600
G	Curitiba	Brasil	500
H	Berkeley (Califórnia)	Estados Unidos	1.000
I	São Paulo	Brasil	900
J	Blumenau (SC)	Brasil	600
K		Índia	500
L	Clevelandn (Ohio)	Estados Unidos	570
M	Rio de Janeiro	Brasil	500
N	Vídeo Disponibilizado	Estados Unidos	500
H	Vídeo Disponibilizado	Estados Unidos	400
O	Stanford	Estados Unidos	500
P	Porto Alegre	Brasil	400
Q	Curitiba	Brasil	470
R	São Paulo	Brasil	500

S	Vídeo Disponibilizado	Brasil	250
T	São Paulo	Brasil	400
U	Nova Iorque	Estados Unidos	200
V	Curitiba	Brasil	200

Fonte: www.globalforum.com.br

Obs.: O palestrante identificado como H aparece duas vezes em posições diferentes devido ao fato de o mesmo ter participado ao vivo no primeiro dia e ter gravado um vídeo para o segundo dia.

Abaixo estão reproduzidos trechos das palestras selecionadas, nas quais podem ser identificadas pistas dessa nova era da colaboração.

Palestra 1

Exemplo desta nova era da colaboração percebe-se quando o palestrante **A**, da Case Western Reserve University, ao falar, a partir de Cleaveland (Ohio), se diz emocionado por estar participando desta edição virtual, uma vez que o Global Forum iniciou sua trajetória no ano de 2006 naquela cidade, examinando a ideia de que as empresas poderiam ser agentes de benefício mundial, e inaugurando uma parceria com a Federação das Indústrias do Estado do Paraná.

A também conta que na Conferência de 2006, foram utilizadas as ideias de Peter Drucker, que afirmava terem as oportunidades de negócios mascarado as questões mais importantes mundiais da atualidade, pois, vendo estas oportunidades, as empresas passam a trabalhar junto com educadores e sociedade em geral, construtivamente e colaborativamente, passando a não mais serem vistas como agentes que vão contra os interesses da sociedade.

O palestrante aponta como um dos resultados desta ação, o *PREM* (*Principles for Responsible Management Education*) cujos princípios são aceitos e trabalhados por diversas instituições ao redor do mundo. Há atualmente grupos de pedagogos, professores, líderes comunitários e empresas que atuam juntos para trabalhar tais princípios, formando novos gestores que pensam de forma sustentável.

A é muito enfático ao afirmar que os negócios sempre podem caminhar junto com a sociedade e o governo, colaborando e gerando benefícios para o mundo. E afirma ainda, que por meio de coletas de histórias, seus estudos comprovam que se

trata de um fenômeno global, a constatação de que os negócios podem sim, gerar benefícios para o mundo – além do lucro, quando existe a colaboração.

Cita ainda o movimento BAWB como um exemplo de como os líderes de negócio se juntam a outros *stakeholders*¹⁰ internos e externos, formando um grupo interdisciplinar que, trabalhando conjuntamente, transformam estratégias em ação. Para ele, a ação coletiva é a grande força motriz que garante o sucesso das empreitadas, uma vez que os *stakeholders* se juntam, encontram um objetivo comum uma idéia em relação ao futuro desejado e iniciam o processo de construção coletiva deste futuro. O processo de Investigação Apreciativa é uma ferramenta que auxilia neste processo.

Durante a intervenção de **A**, estiveram conectadas mais de três mil pessoas, de diversas partes do globo e, uma vez que o vídeo continua no ar, conta com mais duas mil visualizações posteriores. Grupos de discussões foram formados tanto em salas de aulas de universidades brasileiras e latino americanas, *quanto on line*, por meio de chats e do *twitter*.

Palestra 2

A segunda palestra que examinamos é a de um especialista em redes sociais aqui identificado como **B**, que falou a partir de São Paulo. **B** falou sobre o impacto das redes sociais na sociedade e já começa reafirmando que as redes sociais, na verdade, já são a sociedade.

Afirma que desde que existe sociedade humana, existem redes sociais e o que tem acontecido de muito significativo é que sociedades cada vez mais interativas e conectadas, com um padrão de conexão distribuído estão emergindo por toda a parte. Diz que o mundo todo está em rede e que com o aumento vertiginoso da interatividade, a natureza do que chamamos de sociedade está mudando.

Enfatiza a importância de se entender a diferença entre descentralização e distribuição (cujas figuras representativas se encontram nesta dissertação). E ainda a diferença entre participação e interação. Para o autor, o modelo participativo é um modelo de arrebanhamento, que só funciona se houver uma liderança e em geral tudo é disputado para se obter algum resultado previamente planejado. Já as

¹⁰ Parte interessada ou interveniente

unidades interativas - e ele cita como exemplo o cérebro humano, as colméias, os formigueiros e a natureza em geral, são realmente unidades sustentáveis, uma vez que não existe um nodo detentor da informação (são distribuídas). Tais unidades se mantêm sustentáveis, uma vez que ainda que se elimine um nodo, o sistema continua. Várias unidades conectadas começam a agir de forma assíncrona, gerando coisas fantásticas, estando presente algum tipo de inteligência coletiva (levando em conta que inteligência coletiva não é a soma das inteligências dos indivíduos, mas uma função sistêmica que está além das vontades e valores dos indivíduos).

Para o autor, a mais surpreendente descoberta no estudo de redes é que “*small is powerful*”, ou seja, o mundo tem ficado menor em termos sociais com a interação, o grau de separação entre as pessoas é de seis intermediários, o social reinventa o poder, uma vez que, no lugar do poder de mandar uns nos outros, surge o poder de encorajar as pessoas.

B informa que John Guare, autor dos estudos da trajetória dos seis graus de separação, está promovendo um novo estudo, pois acredita que este número diminuiu e na medida em que essa queda acontece, vai mudando a natureza do que chamamos de sociedade e quanto mais se contrai o mundo em termos sociais, as pessoas são mais encorajadas a fazer mais coisas, sabem mais coisas, tem mais caminhos a seguir, fazendo parte de um super organismo mais humano, porque mais humanizante, uma vez que as pessoas interagem com mais pessoas.

O palestrante afirma que vivemos um momento de grande dicotomia, pois temos, por um lado, uma sociedade cada vez mais em rede, cada vez mais conectada e com conexões no padrão distribuído e interativa e por outro lado, organizações sociais, empresariais e governamentais que estão há um século antes disso, pois foram construídas como pirâmides.

As perguntas enviadas para o palestrante via *Chat*, foram respondidas por ele ao vivo e, após a conferência, ficaram disponíveis para que a própria rede respondesse. O vídeo de sua palestra conta com mais de dois mil acessos posteriores à sua exibição ao vivo.

Palestra 3

A palestra Dream in, foi proferida por um Professor da Universidade *Parsons* (EUA) identificado neste estudo como **C**, que falou a partir de Nova Iorque, logo após a passagem de um furacão.

Em sua fala, **C** ressalta que vivemos em um mundo já globalizado, que, no entanto, ainda é bastante fragmentado, uma vez que existem inúmeras redes, associações e links entre os participantes, sendo necessário, portanto, aprimorar a forma de fazer as conexões, o que exige que se pense em novos modelos organizacionais. **C** apresenta o *design* (*design thinking*) como uma área de saber que pode colaborar para solucionar tais questões. Se pensarmos o *design* como uma série de habilidades, de técnicas, de estratégias, de saber fazer, de projetar o novo, podemos pensar como usá-lo na forma de estratégia de inovação para lidar com a escala, com a diversidade, a velocidade e trabalhar em redes globais conectando tais saberes.

Para **C**, o *design* é uma ferramenta, uma tecnologia da inovação que traz seu saber projetual para auxiliar no enfrentamento dos novos desafios que se apresentam para a sociedade global. O *design* trabalha a complexidade a partir do específico, uma vez que tem a característica de saber trabalhar o local, visto por um aspecto complexo, trazendo o conhecimento global para solucionar questões locais. E está se aliando a outras áreas de saber para promover soluções por meio de inovações que tenham características sociais sustentáveis.

Segundo ele, o modelo de inovação já não passa mais somente pelos centros de pesquisa, o que demanda que a sociedade se organize em novas formas de estrutura de redes abertas e parcerias, sendo a co-criação uma forma de ação relevante neste novo contexto, usando o design como modelo operacional para inovação para criar novos futuros e cenários.

Informa ainda que existem diversos escritórios de *design* ao redor do mundo que trabalham em redes globais, resolvendo questões locais. Afirma que a co-criação sempre existiu, sendo dentro de organizações, empresas colaborando ou seminários, e hoje ela é trabalhada em rede, diminuindo custos, conectando pessoas, garantindo agilidade de processos e qualidade. A grande questão que se apresenta atualmente, não é se as pessoas vão co-criar, mas como elas vão co-criar.

Palestra 4

A intervenção seguinte foi realizada por dois palestrantes, mas para manter o padrão desenvolvido vamos identifica-los como **D**. A palestra intitulada por uma bioética da complexidade foi proferida a partir de Santiago, no Chile.

Os palestrantes tratam da matriz biológica cultural do habitar humano e se referem à natureza sistêmico – sistêmico de como ocorre o viver humano, fazendo referência ao fato de os seres humanos serem biológicos por serem seres vivos e são culturais porque dividem a linguagem, o conversar. Para eles, o eixo reflexivo do GFAL, sociedade inovadora, traz um grupo de pessoas que querem estar juntas e se integram a uma rede de seres, de ações e sentires que as fazem se movimentar no sentido de se conectar com as outras.

Afirmam que todas as redes sociais existentes em diferentes partes do mundo, são criadas por uma sociedade que está inovando, por meio da transformação da matriz do viver dessa sociedade e uma característica da sociedade inovadora é a abertura de espaços para ouvir e conversar, à exemplo da edição virtual do GFAL, que deu voz para os palestrantes em diversas partes do mundo e conectou diversas pessoas de todo o globo por meio da tecnologia. As redes sociais têm grande oportunidade de se encontrar em todo o mundo por meio das mídias sociais. No entanto, para eles, a grande inovação não está na tecnologia, mas no ato de as pessoas se escutarem, o que lhes permite resolver todas as questões de uma forma co-inspirada.

Para **D**, a teoria do progresso tecnológico possibilita a confusão que **B** em sua palestra mencionou entre as mídias sociais e as redes sociais, ou seja, entre a tecnologia e as pessoas que interagem, enquanto volta a afirmar que o que faz possível o encontro entre as pessoas é a plataforma tecnológica, mas, de novo, são as pessoas que interagem.

Palestra 5

O palestrante aqui identificado como **E** falou a partir de São Paulo sobre o tema redes sociais e inovação tecnológica, enfocando que o capitalismo precisa ser repensado, uma vez que a economia que dependia de máquinas, hoje diz ao mundo que o futuro é dos cérebros, mudando uma série de fatores. Destaca que no *site* do Fórum Econômico Mundial existem quase trezentos resultados de como as mídias

sociais estão mudando a forma de fazer inovação e a gestão, além da economia e que a Islândia começou a discutir sua Constituição pelo Facebook, tendo seu exemplo seguido por outros nove países, caracterizando o que hoje chamamos de sociedade em rede.

Em sua intervenção, o palestrante **E** traz várias ações que estão sendo feitas no mundo todo, que caracterizam a generosidade coletiva a sociedade em rede atuando em coordenação. Cita o *site* colaborativo de economia em rede da cidade de Porto Alegre, que assume não poder resolver todos os problemas, pede a colaboração da população e a sociedade em rede se manifesta. Fala da epidemia social e do contágio emocional, onde as pessoas se engajam a causas e ações que fazem sentido para elas, em um momento histórico em que todo o mundo está conectado e à partir disso, criam soluções para as questões que se apresentam.

Para ele, é libertador, quando as pessoas começam a se organizar nas mídias sociais para mudar as coisas. Em seus estudos, ele constatou que vivemos a primeira grande revolução da humanidade na qual não existe um grande líder, mas milhares de líderes. E, tendo verificado que para cada um emprego que acaba pela ruptura digital, surgem três novos, afirma que o futuro dos negócios é a sociedade em rede e que a grande matéria prima para o século XXI são os sonhos.

Afirma que em 2014, 91% do conteúdo da *web* será em vídeos e que viramos um *tsunami* de informações, uma vez que a troca de dados entre 2011 e 2014 será 133 vezes maior do que todo o tráfego de dados das últimas três décadas, o que possibilita que grandes ideias sejam implementadas por meio da indústria em rede.

Diz ainda que a ciência provou que as pessoas compartilham porque querem gerar conhecimento sem ganhar nada em troca e ter independência intelectual, estando em rede para criar atividade plena e falar dos quatro processos de sustentabilidade, ou seja, sustentabilidade social, ambiental, de negócio e de talentos, além de estar em rede divulgando seus trabalhos, para criar ações de dinamismo, coletivismo e colaboração.

Em sua palestra, **E** falou sobre ideias transformadoras, economia espiritual, transformação global, de autoridade moral, ciência dentro da consciência, livre arbítrio, que são questões que estão mudando a sociedade, e estão levando os pensadores e a sociedade a mudar, não mais competindo uns com os outros, mas

cooperando, uma vez que a maior revolução do século XXI não é a digital, mas a moral e social, de valores.

Finalmente, **E** faz uma provocação para as pessoas que estavam perguntando “*o que você está fazendo aqui hoje na sociedade em rede; como você está colaborando?*”.

Palestra 6

O palestrante **F** falou a partir de Paris sobre a cultura inovadora. Afirmou que os elementos em jogo na inovação foram bem definidos na época do Renascimento, onde se estabeleceram seus objetivos: melhoria da condição humana, melhoria da relação entre os indivíduos, a melhoria da vida nas cidades e a melhoria da relação com a natureza.

Palestra 7

O palestrante identificado como **G** veio dos EUA até Curitiba e apresentou a experiência da JCI – *Active Citizen Framework* falando sobre a criação de mudanças positivas por meio da metodologia do cidadão ativo, que promove a colaboração de diversos setores – negócios, governo e sociedade civil.

G conta em sua fala, que por meio da citada metodologia, cidadãos podem aprender como efetivamente colaborar com os diversos atores em suas respectivas comunidades, ajudando-os a identificar necessidades e a desenvolver soluções locais. Os membros da JCI trabalham em 5.000 comunidades em 115 países do mundo, visando prover soluções aos problemas dessas comunidades, que também tomam para si a responsabilidade do desenvolvimento.

Esse trabalho é realizado em rede, com pessoas conectadas, conversando a partir de suas casas, por meio das tecnologias disponíveis. Tais pessoas em conjunto, enfrentam os problemas mundiais que sempre existiram de forma diferente. E os jovens têm um papel ativo nas comunidades de todo o mundo.

A metodologia da cidadania ativa, base do trabalho da JCI tem sua sustentação em três pilares que colaboram entre si, ou seja, as pessoas, as empresas e o governo.

Palestra 8

O palestrante **H** falou a partir de Berkeley na Califórnia (USA) sobre o que torna uma sociedade inovadora. E disse que em primeiro lugar, serem as pessoas o cerne de todas as coisas realizadas. Aponta ainda, ser a curiosidade melhor do que o julgamento, uma vez que, por meio da curiosidade, conseguimos fazer perguntas que nos permitem conhecer, ao invés de julgar. E a Investigação Apreciativa nos proporciona ferramentas para abraçar, entender e mobilizar a mudança.

Citando novamente a IA, **H** fala da importância da empatia, a capacidade de entender profundamente a posição de outra pessoa e a partir daí, construir uma linguagem comum, um significado compartilhado, construímos conjuntamente uma cultura e um conjunto de habilidades.

Para **H**, sua experiência no Brasil e participar da Conferência BAWB – GFAL edição virtual lhe mostra que o Brasil vem se tornando uma sociedade cada vez mais inovadora, à medida que dá lugar à invenção coletiva.

E quando lhe perguntam se a dominância da tecnologia sobre os seres humanos deve ser considerada como uma possibilidade real na atual sociedade, **H** reafirma que a sociedade inovadora faz um bom uso do capital humano, empoderando as pessoas para que trabalhem colaborativamente, sonhem juntas e criem uma visão de uma sociedade justa, as máquinas e tecnologias tendem a ser colocadas em suas perspectivas adequadas, não sendo tão dominantes.

Afirma que sim, os seres humanos estão criando máquinas inteligentes e temos uma visão compartilhada e se criamos o nosso futuro por *design*, a humanidade tenderá a tirar sentido dessas máquinas. A tecnologia é fabulosa, mas precisamos utilizá-la a serviço de um mundo justo e inovador aonde as pessoas são cuidadas e tem valor.

Desde sua transmissão ao vivo em 28 de agosto de 2011, a palestra de **H** conta com mais de mil exibições posteriores.

Palestra 9

Em seguida teve lugar um painel do qual participaram três palestrantes aqui identificados como **I**. Eles falaram a partir de um estúdio em São Paulo sobre Cidades em Transição: um diálogo aberto, que entre outras coisas, abordou a questão das mudanças climáticas e o fato de sermos a primeira geração que tem

responsabilidade com o futuro, a primeira a ter de quebrar um processo de consumo passivo e que tem o dever de gerar um futuro a partir de fontes de energia renováveis.

E aponta que o criador do movimento cidades em transição, o inglês Rob Hopkins afirma que somente ao liberar a genialidade coletiva que existe nos processos da comunidade e de tomadas de decisão, podemos desenhar formas de viver mais enriquecedoras, prazerosas e resilientes do que no presente.

I diferencia a cidade que trabalha em conjunto e colaboração, em que suas organizações e dinâmicas atuam sinergicamente e, portanto obtém um resultado bem maior no que toca sua criatividade, seu estímulo e seu potencial daquela cidade que é bem mais pacata e em que um não conhece o trabalho do outro, gerando uma grande incompetência pela competitividade e não uma competência pelos processos que somam.

Em sua participação no painel, I enfatiza a importância do indivíduo na metodologia da transição, para que, mudando o indivíduo, esta mudança se reflita externamente e gere a transformação no tecido da cidade. O empoderamento do indivíduo é o que faz a diferença na metodologia, que utiliza o *design thinking*. E cita sua experiência ao utilizar o *design thinking* na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, na qual não obteria êxito sem envolver os alunos, a comunidade, os pais e servidores, abrindo o diálogo e a escuta empática, para que a partir do relacionamento e troca, as várias soluções comecem a emergir.

I também destacou a importância de se focar o indivíduo em todos os movimentos da sociedade, bem como a empatia do saber ouvir, principalmente nos meios empresariais, que, para ela, ainda não tem essa prática. No entanto, ela afirma observar que o processo de colaboração já está sendo mais aplicado nas empresas.

Palestra 10

A palestrante J a partir da universidade de Blumenau sobre a cultura da inovação nas organizações e já começa destacando que inovação é uma ideia que com uma ação se transforma em resultado para a empresa. Ou seja, quem faz a inovação são as pessoas.

Apregoa que para as empresas que mais inovam, a cultura de inovação é o compartilhamento de significados, respeitam e reconhecem a coletividade e os trabalhos são executados colaborativamente.

Palestra 11

O segundo dia da Conferência trabalhou o eixo temático *design thinking* e a palestrante identificada como **K** falou da Índia sobre o *design* para todos os sonhos. Ela apresentou o projeto *Dream In*, que foi co-criado e atravessou diversas fronteiras.

K destaca que base da evolução são os sonhos e que *design thinking* pode ser aplicado não para criar mais coisas, mas criar mais oportunidades para as pessoas. As pessoas são importantes.

O primeiro estágio do *Dream in* é o sonho em si e foram selecionados 101 estudantes de toda a Índia por meio das mídias sociais para realizarem trabalhos nas comunidades, capturando os sonhos da população.

O segundo estágio é acreditar e encontrar as pessoas que também acreditam nos sonhos.

E o terceiro estágio da metodologia é a concretização, na qual todos os envolvidos ajudam, utilizando a ferramenta de *design thinking*, a fazer os sonhos se tornarem realidade.

Palestra 12

O palestrante identificado como **L** falou a partir de *Cleveland (USA)* sobre *Manage by Designing*, dizendo que design é uma série de atitudes, métodos e abordagens (que são realizados por pessoas).

Sua palestra focou totalmente as questões técnicas do design.

Palestra 13

O Professor **M** ofereceu a partir do Rio de Janeiro a palestra *Design Thinking Sustentável: A Gestão da Mente*, o Quarto *Bottom Line* e iniciou afirmando que a sustentabilidade tende a modificar a perspectiva civilizatória, e que, assim como todas as questões que são fundamentais para o humano, como a questão da

metafísica, a questão do amor, da morte, tende a ser abandonada antes de ser resolvida.

Afirma ainda que os humanos são cultura e assim, o *design* de tudo o que nós experimentamos, o *design* da matéria é responsabilidade nossa. Ou seja, a sociedade em que vivemos é construída por cada uma das pessoas, sendo a totalidade dos pensamentos, dos afetos (emoções, sentimentos – tudo o que é chamado de coração), e das percepções.

Cita a carta de fundação da UNESCO, que diz que “se a guerra é formada na mente, é na mente que ela tem que ser resolvida”, ou seja, o ser humano é o tema central e sua vontade é que faz com que as coisas aconteçam. E essa vontade é fruto de uma cultura, do que ele chama de “*download* contínuo civilizatório”, cognitivo, filosófico e afetivo.

M enfatiza que se queremos uma educação na sustentabilidade e sociedades inovadoras, queremos, portanto, uma inovação social (e aqui cita Martin Barbero) o que demanda outra referencia, que não apenas a dimensão econômica.

Em um determinado momento de sua fala, **M** diz que quando fazemos a gestão da mente de forma consciente de que nossa mente, nossos afetos, nossos pensamentos, nossas percepções, foram disciplinados por uma perspectiva civilizatória, podemos redesenhar nossa mente, podendo redesenhar novas ações, tomar em nossas mãos nossos destinos, entendendo que precisamos investir em nossa capacidade associativa, de dialogo e de cooperação.

E coloca que, apesar de toda a tecnologia empregada para realizar a conferência, que possibilitou que centenas de pessoas o assistissem, o que de fato fez com que isso fosse possível, foi a vontade, a decisão que alguém tomou de utilizar essa tecnologia para transmitir, bem como a decisão das pessoas de participarem e assistirem. Ou seja, o que há de concreto é o ser humano, em seu universo cultural que nos faz criar todas as coisas.

Fala ainda que toda a ação individual tomada, na verdade é uma ação coletiva.

Palestra 14

Cultura da Inovação, reaprendendo a inovar foi o tema da palestra que o brasileiro aqui identificado como **N** disponibilizou para o BAWB-GFAL edição virtual.

A apresentação de sua palestra no site da conferência, nos chama a atenção, porque foca as pessoas, e a reproduzimos a seguir:

O industrialismo fez tanto mal as nossas mentes quanto esta fazendo ao nosso planeta. A maioria das pessoas foi treinada para repetir tarefas, seguir *templates*, buscar soluções sem perguntar as perguntas certas, e permanecer no seu próprio campo de expertise. E as organizações ainda se perguntam porque é tão difícil inovar? Conhecimento é a chave para abrir as portas da inovação. Para inovar, uma empresa necessita criar um ambiente certo, uma cultura certa para inspirar as pessoas e potencializar suas mentes a atingir todo seu potencial. Não adianta comprar máquinas, processos, sistemas e não trabalhar o indivíduo. Trata-se da tarefa mais importante para os líderes de hoje. Em inovação não existem fórmulas. Antes de criar as inovações, precisamos criar os inovadores. Esta palestra irá explorar, de forma inspiradora, quais competências para inovação são necessárias a indivíduos e organizações em um mundo competitivo, conectado, como o que vivemos.

No decorrer de sua palestra, **N** afirma que inovação tem a ver com pessoas e cultura, uma mente e um grupo de mentes, quando as pessoas estão juntas e criam um significado. É um erro pensar que a tecnologia irá resolver os problemas. As pessoas resolverão. Os inovadores irão fazer as inovações tecnológicas e sociais.

O palestrante conta a experiência que teve com o filho, por meio de um exercício de elaboração de perguntas e como, a criança, ao se aprofundar nos assuntos, começou a ter a necessidade de explicar e compartilhar os conhecimentos adquiridos. E afirma que com todo o ser humano acontece o mesmo. As pessoas querem compartilhar. E o diálogo é a base para o desenvolvimento da criatividade.

Palestra 15

Além de sua participação no eixo temático Sociedades Inovadoras que foi ao ar no dia 29 de agosto de 2011, o palestrante já identificado como **H** gravou um vídeo para o eixo temático *Design Thinking*, justamente para explicar o que é isso e como que o *design thinking* associado à comunicação pode ser aplicado nas empresas.

Palestra 16

Interações sustentáveis: *design thinking* e sustentabilidade foi o tema da palestra de **O** a partir da universidade de Stanford (EUA). E ela disse que ao mesmo tempo em que as inovações tecnológicas são fundamentais, também os são as

inovações nas interações sustentáveis, ou seja, a forma como as pessoas se comportam diante dessas novas tecnologias.

Toda sua palestra focou na importância do comportamento das pessoas e da empatia para que resultados esperados sejam atingidos.

Palestra 17

O palestrante **P** falou a partir da UNISINOS sobre *Design* e Emoção, destacando o papel primordial das emoções nas decisões humanas, uma vez que atuam como mecanismos que auxiliam no processo de tomada destas decisões e que hoje já não se entende mais este processo como puramente racional.

Sua fala demonstrou as relações entre *design* e emoção, destacando abordagens e metodologias para a realização de projetos com foco na emoção, as principais abordagens utilizadas no cenário internacional e demonstrou como interpretar as relações homem-produto e serviço. Abordou, ainda, os principais métodos e técnicas utilizados em projetos de emoção.

Palestra 18

O palestrante **Q** desenvolveu um estudo sobre *Design Thinking* e Inovação Estratégica centrado no ser humano na UNISINOS e Universidade de Stanford e foi esse o tema de sua palestra no BAWB GFAL – edição virtual.

Vale ressaltar para esse estudo, que **Q** viajou de São Paulo para Curitiba com o intuito de estar nos estúdios da Conferência e deu ainda sua contribuição como mediador de diversas palestras.

Ponto forte de sua fala foi que o *design thinking* é um processo de inovação centrado no ser humano, pois a sociedade precisa de pessoas inovadoras e conectadas.

No dia trinta e um de agosto de 2011, foi levado ao ar o eixo Educação na Sustentabilidade, que contou com vinte e sete palestras transmitidas, além das fases de descoberta e design da metodologia de Investigação Apreciativa.

Neste dia, a coordenadora da Universidade Metodista de São Paulo esteve nos estúdios de Curitiba, colaborando como mediadora de diversas palestras, e auxiliando com sua experiência de transmissão de aulas à distância.

Palestra 19

Para este estudo, destacamos a palestra da Doutora em Educação **R** que falou a partir da cidade de São Paulo sobre Educação e Transdisciplinaridade e começa contextualizando a problemática educacional no mundo globalizado que, segundo a palestrante, afeta o tecido social em seus diversos níveis e relações.

Falando especificamente sobre a educação, **R** destaca que sempre em sua vida profissional, ouviu a fala de que a educação se encontra em crise e afirma entender que essa crise, no momento histórico em que vivemos, está agravada, em função dos avanços científicos e tecnológicos que a Educação não consegue seguir acompanhando.

Palestra 20

O palestrante **S** disponibilizou por meio do Instituto ETHOS uma palestra sobre Educação na Sustentabilidade para a Conferência BAWB-GFAL edição virtual.

S enfatiza em sua fala que precisamos mudar o cérebro coletivo e fazer exercícios, modelos e transações para gerar uma cultura de ganhar-ganhar em todos os níveis.

Fala ainda da importância de todos (inclusive os que lidam com a educação), de aprender a lidar com *smarts phones*, redes sociais, uma vez que as crianças já fazem parte do mundo por meio das mídias sociais, enquanto nos colégios e escolas, lhes ensinam que elas não fazem parte. Para **S**, toda a lógica deve ser orientada com o exemplo das redes sociais, mostrando que todos somos teias de aranha da mesma rede, ou tecido da mesma rede e que todos devemos ter compaixão e solidariedade com todos independentemente de onde morem e de que língua falem.

Palestra 21

Em seguida, aconteceu a palestra ao vivo de **T** a partir da Universidade de São Paulo sobre Sociedades Aprendentes e os Desafios da Sustentabilidade.

T enfatiza a noção de sociedade em risco, devido aos desafios que nos são colocados pela nova realidade globalizada e a cada dia mais interconectada.

Fala sobre as mudanças em curso e aponta a Conferência BAWB-GFAL edição virtual como um exemplo destas mudanças, uma vez que o conhecimento e a

informação foi passada, as pessoas conversaram, concordaram e discordaram e o fundamental é que a sociedade esteja conectada, utilizando bem a tecnologia disponível, principalmente para ampliar a sinergia de conhecimento existente, fortalecendo cada vez mais uma sociedade bem informada que possa se inserir nas mudanças e nos processos de inovação e não seja manipulada.

Falou também sobre a mudança pela qual o trabalho está passando, uma vez que as pessoas já não precisam mais sair de suas casas para cumprir agendas e realizar entregas. E ainda lamenta a desqualificação do trabalho e de como várias pessoas estão empenhadas em trabalhar para garantir a segurança, uma vez que o mundo está inseguro.

Destacou as transformações tecnológicas e observou o quanto tais transformações podem dar acesso aos indivíduos (a exemplo do que está acontecendo no BAWB-GFAL edição virtual) e o quanto precisamos tomar cuidado para que não nos tornemos altamente dependentes dos equipamentos que utilizamos no cotidiano e deixemos de promover a nossa presença e conversa em nossas relações.

Para ele o modelo de sociedade vigente está em xeque, uma vez que temos cada vez mais exigências éticas da globalização, da organização do trabalho, entre outras, que nos mostram que o caminho que devemos seguir é o do modelo cooperativo e uma série de aspectos que estão associados à produção de conhecimento e ao reconhecimento da importância do trabalho do outro, bem como o quanto a nossa sociedade nos demanda efetivamente diálogos e lógicas que nos coloquem cada vez mais nos desafios da colaboração.

Observa a importância de as sociedades aprendentes saberem filtrar do volume de informações disponíveis, aqueles que efetivamente têm importância, relevância a boa qualidade, olhando estas informações de uma forma articulada. Ressalta que cada vez mais as pessoas estão em multimídia, o que não significa que efetivamente elas estejam focadas.

Destaca o quanto precisamos fazer mais e mais perguntas para termos a possibilidade para termos mais e mais respostas de todos os setores da sociedade a fim de reduzir o grau de incerteza. É necessário promover as condições para que mais e mais pessoas estejam envolvidas na construção das perguntas e respostas que vão guiar a sociedade.

T nos informa que educar na sociedade do conhecimento implica em estar inserido em uma nova lógica de partilhar projetos coletivos (conhecer, fazer, conviver e ser) e que as sociedades aprendentes demandam uma multiplicidade de formas de aprendizagem, interatividade, mobilidade, conversibilidade, conectividade, diversidade, tudo dentro de uma perspectiva de globalismo, que exigem aprendermos a utilizar as tecnologias, uma vez que as comunidades virtuais se multiplicam. E existe um enorme potencial destas comunidades virtuais se fortalecerem para práticas de aprendizagem e interatividade que estão mudando o mundo, a exemplo das revoluções que depuseram ditadores no Egito e Tunísia.

Cita a roda de samba como um grande exemplo no Brasil de como os atores sociais querem e podem participar como seres ativos das ações propostas e da busca da harmonia e diálogo, colaborando dentro de suas capacidades.

Palestra 22

U falou sobre como o ensino transforma o pensamento e como o pensamento transforma o mundo, em uma palestra transmitida ao vivo da cidade de Nova York. Começou dizendo que o nosso entendimento de mundo mudou e evoluiu muito ao longo do tempo à medida que nosso aprendizado evoluiu, bem como mudou o entendimento de nosso lugar no mundo.

Para ela, vendo o mundo de outra maneira, muda o nosso raciocínio e mudando o nosso raciocínio, muda o nosso mundo. E a interdependência é o contexto para a tomada de decisão no século XXI e nesse contexto, a reciprocidade o alto interesse é melhor servido por meio do desenvolvimento de relações mutuamente benéfica.

Palestra 23

A última palestra selecionada para este estudo foi proferida por **V** intitulada A nova consciência dos negócios – balanceando cabeça e coração no mundo dos negócios. O palestrante esteve no estúdio do BAWB – GFAL edição virtual e falou ao vivo sobre a necessidade dos negócios modernos começarem a examinar e implementar novos paradigmas que considerem as funcionalidades de ambos os lados do cérebro, direito e esquerdo, dando igual valor às funções racionais e intuitivas das pessoas.

Menciona que, ainda que estejamos vivendo em um momento histórico em que as pessoas buscam a colaboração, existem culturas que pregam a destruição, como em Wall Street, em que o mantra ainda é “a ganância é uma coisa boa”. E as pessoas sofrem.

As palestras que tiveram alguns de seus trechos transcritos acima podem ser encontradas no *site* da conferência: www.globalforum.com.br

É importante esclarecer que as mesmas não foram reproduzidas em sua íntegra, mas encontram-se resumidas sem, no entanto, ter seu conteúdo comprometido ou distorcido.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Ao analisar o conteúdo das falas dos palestrantes identificamos que, ainda que estes não tenham se referido diretamente à era da colaboração e da generosidade coletiva, na qual, de acordo com Pink (apud GIARDELLI,2011) “as pessoas fazem coisas para se sentirem inseridos no mundo, para ganhar sua satisfação, alimentados por recompensas externas, pela intrínseca motivação, a alegria de fazer algo em benefício do outro”, eles se mostraram inseridos e fazendo parte deste novo contexto.

O primeiro evento que nos leva a tal afirmação é a própria participação dos palestrantes na conferência virtual. Quando foram convidados, os mesmos receberam uma explicação do que seria o evento, sobre o que trataria cada eixo temático (anexo a este trabalho encontram-se as explicações dos eixos), a abrangência que se pretendia e como se realizariam todos os trabalhos.

A partir daí, caberia aos palestrantes aceitarem ou não o convite. E a maioria aceitou sem questionar. E cabe aqui também informar que as pessoas que não aceitaram, justificaram por já ter a agenda comprometida. Isso é revelador.

Além de aceitar o convite, os palestrantes começaram um processo de divulgação da conferência para suas redes de contatos, que por sua vez também mobilizaram as suas e fizeram a audiência da conferência.

Voltando para as falas, percebemos que palavras como “colaboração”, “co-criação”, “generosidade”, “ação coletiva”, “construção comum”, “participação”, “interação”, “sustentabilidade”, “globalização”, “compartilhar”, “significado”, “coletivo”, “ouvir”, “sonho”, “diálogo”, “inovação” “pessoas”, “cultura”, “redes sociais”, “sociedade”, “conectado”, “engajado” se encontram, senão em todas, em grande parte das palestras proferidas.

Tal fato somado aos outros já mencionados, nos leva a inferir que, realmente, a sociedade está passando por uma mudança significativa em seu modo de atuar e que as mídias sociais realmente auxiliam tal mudança.

A mudança e a colaboração são feitas por pessoas. E todos os palestrantes mencionados destacaram que, apesar da importância que tem a tecnologia nesse contexto, da importância de se saber utilizar os aparatos tecnológicos disponíveis na atualidade, a importância maior ainda deve ser dada às pessoas.

Suas ações e seus quereres fazem com que as coisas aconteçam. O mundo globalizado também auxilia nessa nova cultura que se apresenta. De acordo com Capra (2005):

No decorrer da última década do século XX, cresceu entre os empresários, políticos, cientistas sociais, políticos, líderes comunitários, ativistas de movimentos populares, artistas, historiadores da cultura e homens e mulheres comuns de todas as classes sociais a percepção de que um novo mundo estava surgindo – um mundo moldado pelas novas tecnologias, pelas novas estruturas sociais, por uma nova economia e uma nova cultura. O termo usado para designar as extraordinárias mudanças e o movimento aparentemente irresistível percebido por milhões de pessoas foi “globalização”. (CAPRA, 2005. P141)

Ao tentarmos verificar a atuação dos participantes virtuais da conferência, que foram os grandes divulgadores do evento, e o fizeram compartilhando informações por meio do *twitter*, *facebook* e *blogs*, além de enviarem suas perguntas aos palestrantes via *chat*, não logramos sucesso uma vez que o site da conferência não disponibiliza essa informação.

Também ficou comprometida a fase do estudo que buscava acompanhar e avaliar o comportamento do público por meio das discussões posteriores à conferência, uma vez que o projeto foi descontinuado.

Ainda assim, nos aventuramos a inferir que o comportamento do público observado durante a preparação e a execução da conferência nos aponta para essa nova era, e baseamos nossa afirmação no trecho do artigo de Giardelli (2010) que reproduzimos abaixo:

Os cétricos duvidam que entramos na “Era da criatividade e generosidade e global”. A consciência coletiva aparece. O pensador Daniel Pink afirma em seu livro “Drive: The Surprising Truth About What Motivates Us” que até o século XX os trabalhadores só se sentiam estimulados pelos ganhos financeiros. E no século XXI as pessoas fazem coisas para se sentirem inseridos no mundo, para ganhar sua satisfação, alimentados por recompensas externas, pela intrínseca motivação, a alegria de fazer algo em benefício do outro.

Lembra do mantra digital “Você é o que você compartilha?” Estudos recentes da Universidade Kings College London, provou que a internet não revolucionou apenas nossa forma de viver e se relacionar. Revolucionou nosso cérebro – quando você está na web e tem o sentimento de fazer a coisa certa, fazer coisas interessantes, engajar-se a uma causa ou contribuir para o mundo. Afeta seu cérebro e uma parte do seu neocórtex e você fica feliz como praticar esporte ou fazer amor. Percebeu porque estes danados ficam tanto tempo conectados e compartilhando?

Clay Shirky, em seu livro *Cognitivo Excedente* - afirma que as pessoas estão trocando seu tempo livre, onde assistiam TV estatelado no sofá por conectar-se às redes sociais! Clay questiona porque as pessoas gastam seu tempo editando a Wikipedia - todos os artigos, edições e discussões sobre os artigos e edições representam cerca de 100 milhões de horas de trabalho humano. O que as motiva? Havia muito tempo livre no mundo industrializado versus falta de tempo em um mundo conectado. Alguém que nasceu em 1960 já assistiu algo como 50 mil horas de televisão, e já passou mais de cinco anos e meio de vida na frente da telinha.

Existe na humanidade um excedente cognitivo = A sociedade conectada desligando a TV e produzindo conteúdo significa um trilhão de horas por ano de desenvolvimento do software da sabedoria das multidões. Um novo recurso! Hoje no mundo O Tempo = bem social coletivo. Trocar a TV por postar em blogs, wikis e Twitter. Ensinando o outro, aprendendo com o outro. Sai a televisão, uma atividade solitária e entra as conexões sociais – contribuir, compartilhar etc. Shirky disse: “Quando alguém compra uma televisão, o número de consumidores sobe para um, mas o número de produtores permanece o mesmo.” Quando alguém compra um computador ou telefone celular, o número de consumidores e produtores aumenta um. Isso permite ao cidadão, ao invés de deixar seu tempo livre escoar em frente da televisão, produzir vídeos divertidos, engajar-se em webcidadania, enfim vale tudo!

Pink disse que ao contrário do que pensávamos que nossas motivações estavam em dois pilares, o das necessidades biológicas (beber, comer, se aquecer e satisfazer desejos biológicos) e o segundo pilar de responder a recompensas e punições, temos um terceiro pilar. A ciência provou que a motivação intrínseca pode ser ainda mais poderosa: “Isso é o que está por trás das pessoas que organizam sites de carona, usam telefones celulares para informar sobre as catástrofes naturais ou agitação política. Eles são motivados por algo que não seja dinheiro.”

Até o século passado, o mundo foi orientado ao hiperconsumo e a passividade. No século XXI reinventamos a co-criação e o compartilhar. Algo que ficou latente nos últimos séculos industrializados. Somente com este novo comportamento da humanidade, poderia nascer comunidades de software livre, de vizinhos online, de protetores de animais, de produtores de documentários. Pense na criação do Twitter, um amigo vira para o outro e diz:

- “Vamos fazer um microblogging gratuito de até 140 caracteres?”

O amigo responde:

- “Ótimo, vamos começar agora”.

E nem pensaram em um plano de negócios ou modelo de pagamento Percebeu um mundo novo? Percebeu o choque dos séculos? Porém, empresas e governos, perceberam os diácosmos da tempestade digital e estão dispostos a fazer a nossa amada internet funcionar de uma maneira diferente. Para no final promover interesses políticos e comerciais falidos! Muitos poderes que não cabem em uma era do conhecimento coletivo! (Giardelli, 2010).

Levando em consideração o texto acima bem como a observação do comportamento de todos os envolvidos na conferência, estamos convencidos de que a mesma se configura em uma inovação social, que, de acordo com Castor (2007),

entre as várias outras características, a inovação social se configura em trabalhos cooperativos desenvolvidos em ambientes públicos e/ou privados visando à ampliação dos benefícios da sociedade.

Considerando a característica apresentada por Castor (2007) ao objetivo do BAWB-GFAL edição virtual apresentado no site e reproduzido abaixo, acreditamos ter encontrado dados suficientes que apontam para a classificação da conferência como uma inovação social:

Reunindo principalmente participantes latino-americanos do mundo empresarial, acadêmico e da sociedade em geral, o BAWB-Global Forum America Latina tem a função de repensar o papel dos negócios enquanto protagonistas fundamentais para o bem-estar e o desenvolvimento sustentável das comunidades em que se inserem. Assim, o BAWB-GFAL busca trazer alternativas, para a realidade que se apresenta, por meio de práticas bem-sucedidas. (www.globaldorum.com.br)

Ao chegarmos a este ponto do presente estudo acreditamos ter dado uma pequena contribuição para o estudo das redes sociais no novo contexto que se apresenta. No entanto, temos também que lidar com a frustração de não atingir o objetivo maior, que era verificar se o BAWB-GFAL edição virtual se configura em um exemplo da chamada era da colaboração e generosidade coletiva, uma vez que constatamos que para conseguir fazê-lo, se faz necessário que tais conceitos estivessem mais bem definidos e consolidados.

Terminamos a pesquisa com um pouco da inquietação inicial amenizada e com várias outras perguntas a serem respondidas.

No entanto, a impressão inicial, de que a conferência constitui um exemplo dessa era da colaboração e da generosidade coletiva se fortaleceu e, ainda que nesse momento, não tenham sido encontrados elementos suficientes para a elaboração de uma afirmação assertiva, acreditamos ter encontrado vestígios ainda mais convincentes e motivadores para estudos futuros mais aprofundados.

6.1 RECOMENDAÇÕES DE FUTURAS PESQUISAS

Ao desenvolver o presente estudo, nos deparamos com diversos temas possíveis de ser estudados e todos muito sedutores.

Como seria inviável para o prazo estipulado inseri-los nessa dissertação, colocamos os mesmos como recomendações de estudos futuros, por acreditarmos serem de relevância para o entendimento da sociedade em que vivemos:

- O uso do facebook e do twitter bem como outras mídias pelas organizações;
- Como se configura a sociedade na era da colaboração;
- A arquitetura de poder e controle desenvolvidos por meio das mídias sociais;
- Os benefícios e malefícios trazidos pelas mídias sociais para as corporações;
- As novas formas de relacionamento estabelecidas pelas mídias sociais.

Entendemos que estas bem como várias outras abordagens de estudos sobre as redes sociais que se apresentarem vão contribuir para a melhor compreensão desse fenômeno.

REFERÊNCIAS

BAWB GLOBAL FORUM – EDIÇÃO VIRTUAL, 2011. Disponível em:

BARAN, PAUL. On distributed communications: I Introduction to distributed communications networks. In: Memorandum RM – 3420 – PR, August 1964. Santa Monica: The Rand Corporation. 1964.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi. 12ª ed. São Paulo: 2006.

BLOCH, Marc. Apologia da história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar .2001

BUCHANAN, R.A. The Power of the Machine. The Impact of the Technology from 1700 to the Present Day. Londres: Penguin Books, 1992.

CANCLINI, Nestor García. Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Heloísa P. Cintrão e Anda Regina Lessa. 2ª. Ed. São Paulo: EDUSP, 1998.

_____. Diferentes, Desiguais e Desconectados. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.

CASE, Amber. <http://www.hsm.com.br/blog/2011/07/antropologia-digital-nasce-uma-nova-versao-do-homo-sapiens/#more-12642>. Acessado em 08/09/2011

CAPRA, Fritjof. As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável/Fritjof Capra; tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Cultrix, 2005.

CASSINI, Thiago. O que o passarinho me contou
<http://www.hsm.com.br/blog/2011/08/o-que-o-passarinho-me-contou/> acessado em 08/07/2012.

CASTELLS, Manuel (1999). Para o Estado-rede: globalização econômica e instituições políticas na era da informação. In: PEREIRA, Bresse; WILHEIM, J.; SOLA, L. Sociedade e Estado em transformação. Brasília: ENAP, 1999.

CASTOR, Belmiro Valverde Jobin. Inovação Social e Desenvolvimento. In: FARFUS, Daniele et al (Orgs). Inovações Sociais – Coleção Inova. Curitiba: SESI/SENAI/IEL/Unindus, 2007.

COWAN, R.S. A Social History of American Technology, New York: London, Oxford University Press, 1997

COOPERRIDER, David L. Investigação Apreciativa: uma abordagem positiva para gestão de mudanças; Tradução de Nilza Freire – Rio de Janeiro: Qualitymark, 2006

DAGNINO, Renato. A Comunidade de Pesquisa dos Países Avançados e a Elaboração da Política de Ciência e Tecnologia. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol.21 Nº 61. pg 191-228.

DIAMOND, Jared. Colapso. Como as sociedades escolheram o fracasso ou o sucesso. T. Alexandre Raposo. 4ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2006

DOSI, G. The nature of the innovative process. In: DOSI, G et al.(Orgs). Technical change and economic theory. London: Pinter Publishers, (1988) in SANTOS, G.J. A interfuncionalidade entre marketing e gestão de ciência tecnologia na empresa. Gestão & Produção, v.10, n. 3 São Carlos, 2003.

FARACO, Carlos Alberto. Tecnologia e linguagem. In: BASTOS, João Augusto de Souza Leão de Almeida (Org.). Tecnologia e Interação. Curitiba: PPGTE/CEFET-PR, 1998

FRANCO, Augusto de. Escola de Redes – Sustentabilidade Empresarial e responsabilidade Corporativa no século 21. Curitiba. ARCA – Sociedade de Conhecimentos, 2008.

_____. Escola de Redes: Novas visões sobre a sociedade, o desenvolvimento, a Internet, a política e o mundo glocalizado. Curitiba. ARCA – Sociedade do Conhecimento, 2008.

FRANCO, Augusto de. <http://escoladeredes.ning.com/profiles/blogs/redes-sao-ambientes-de-acesso> on 10 September 2010.

GEERTZ, Clifford. Capítulo 2 – O Impacto do conceito de Cultura sobre o Conceito de Homen. IN:_____ A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro. LTC – Livros Técnicos Científicos, 1989.

GIARDELLI, Gil. Era da generosidade coletiva. São Paulo. Disponível em: <http://www.gilgiardelli.com.br/blog/2011/06/13/a-era-da-generosidade-%E2%80%93-eread-2o-dia/>. Acessado em 20/06/2011.

_____. O cérebro pós-moderno: como as redes sociais nos transformam. Disponível em: <http://www.inovadoresespm.com.br/o-cerebro-pos-moderno-como-as-redes-sociais-nos-transforma/>. Acessado em 15/06/2012.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo. Disponível em http://www.ead.unicamp.br/trabalho_pesquisa/Pesq_estcaso.htm. Acessado em 28 de setembro de 2011.

GUÉHENNO, Jean-Marie (1993). O fim da democracia. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

HABERMANS, J. Teoria de la acción comunicativa. Racionalidad de la acción y racionalización social. Tomo I. Madrid: Taurus, 1987.

_____. Teoria de la acción comunicativa: Crítica de la razón funcionalista. Tomo II. Madrid: Taurus. 1987.

_____. La lógica de las ciencias sociales. Madrid: Tecnos:1988.

_____. Teoria de acción comunicativa: complementos y estudios prévios. Madrid: Cátedra.1989.

_____. Para a reconstrução do materialismo histórico. São Paulo: Brasiliense.1990

_____. Pensamento pós metafísico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1990

IANNI, Octávio. Teorias da Globalização. 5ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1999

KIRKPATRIK, David. O efeito facebook; tradução Maria Lucia de Oliveira. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011

LÉVY, Pierry. Cibercultura; tradução de Carlos Irineu da Costa – São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARCUSE, H. Industrialização e Capitalismo na Obra de Marx Weber. IN: Cultura e Sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, VII, 1998.

MARTÍN BARBERO, Jesús. Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MARTINS, Gilberto Andrade. Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisas no Brasil. Disponível em:
<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rco/v2n2/02.pdf>. Acessado em: 10/07/2012.

MATURANA, Humberto. DÁVILA, Ximena. Habitar Humano em seis ensaios de Biologia Cultural Trad. Edson Araújo Cabral. Ed. Palas Athena: São Paulo, 2009

_____. VARELA, Frâncico J. A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana. Trad. Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Ed. Cortez: São Paulo, 2002.

MOURA, Thiago. Colaborativismo e a nova era da comunicação. In: Redes Sociais e inovação digital – livro colaborativo. Copyright 2011 Gaia Creative – www.gaiacreative.com.br (found. 2009) /São Paulo. 83 páginas.

OURIQUES, Evandro. Design Thinking sustentável: a gestão da mente, o quarto bottn line. Disponível em <http://gfal2011.isat.com.br/Video/?VideoID=80>. Acessado em 10/09/2011.

PONCE, Eduardo. Redes Sociais dos anos 80 e o que elas podem fazer pela empresa hoje! In: Redes Sociais e inovação digital – livro colaborativo. Copyright 2011 Gaia Creative – www.gaiacreative.com.br (found. 2009) /São Paulo. 83 páginas.

RAMOS, A.G. A nova ciência das organizações. Rio de Janeiro: FGV, 1981

REIS, M.F. Educação Tecnológica: A montanha pariu um rato? Tendências e dificuldades da Educação tecnológica na educação geral, com referencia ao contributo das ciências. Cidade do Porto: Porto Editora, 1995.

ROCHA LOURES, Rodrigo C. da. Sustentabilidade XXI: Educar e inovar sob uma nova consciência. São Paulo: Ed. Gente, 2009

RODRIGUE, Elaine. Redes Sociais: Não complique, comunique-se. In: Redes Sociais e inovação digital – livro colaborativo. Copyright 2011 Gaia Creative – www.gaiacreative.com.br (found. 2009) /São Paulo.

SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3229/2493>. Acessado em 10/07/2012.

SANTOS, MILTON. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 15ª Ed. Rio de Janeiro. Editora Record, 2008

SENGE, Peter et al. A revolução decisiva: como indivíduos e organizações trabalham em parceria para criar um mundo sustentável. Trad. Afonso Celso da Cunha Serra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

TRIVIÑOS, Augusto N.S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2011.

UGARTE, Davi de. O Poder das Redes – Manual Ilustrado para Pessoas, Organizações e Empresas, chamadas a praticar o ciberativismo. 1ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

_____ Los Futuros que vienen – La descomposición global y la importância de la comunidad en el siglo XXI. Livro eletrônico, 2010.

WENGER, E. *Communities of Practice – learning, meaning and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

WENGER E., McDermott, R. & Snyder, W. *Cultivating Communities of Practice*. Boston: Harvard Business School Press, 2002.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. Trad. Daniel Grassi. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

<http://www.hsm.com.br/blog/author/giardelli/> - acessado em 11/09/2011

<http://www.onu.org.br/onu-lanca-relatorio-sobre-situacao-mundial-dos-jovens-no-mercado-trabalho/> - acessado em 19/02/2012.

<http://www.facebook.com/pages/Colaborativismo/192853177431487?sk=info> -
acessado em 21/02/2012.

http://augustodefranco.locaweb.com.br/cartas_comments.php?id=328_0_2_0_C -
acessado em 21/02/2012.

<http://www.gilgiardelli.com.br/blog/2011/12/05/compartilhar-a-melhor-maneira-de-multiplicar-conhecimento-2/> acessado em 21/02/2012.

http://augustodefranco.locaweb.com.br/cartas_comments.php?id=333_0_2_0_C -
acessado em 22/02/2012.

<http://www.gilgiardelli.com.br/blog/2011/10/19/inovacao-digital-em-qual-seculo-voce-esta-2/> - acessado em 10/04/2012.

ANEXOS

ANEXO 1 Introdução ao BAWB-GFAL edição virtual

O texto abaixo é encontrado no site da conferência (www.globalforum.com.br) e objetiva explicar para os internautas quais foram os objetivos de realizar o evento. Em seguida também serão encontrados neste estudo os textos introdutórios aos eixos temáticos da conferência.

O BAWB-GFAL EM 2011 QUER CONTRIBUIR PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE E CULTURA SUSTENTÁVEL. FORMAS DE GESTÃO SÃO FUNDAMENTAIS PARA ALCANÇAR UM MUNDO SUSTENTÁVEL?

Em última instância, quase todas as crises que afligem a sociedade e seus reflexos na economia mundial, na sua origem, são de natureza ecológica e cultural. Envolvem mudanças climáticas, poluição, escassez de água, extermínio da fauna, declínio do solo arável, esgotamento das áreas pesqueiras oceânicas, exaurimento das fontes de petróleo, disparidades sociais - bolsões persistentes de miséria-, violência e insegurança social, ameaça de pandemias e uma explosiva disparidade de apropriação de recursos no interior das nações e entre elas.

O maior desafio do século XXI, - na percepção de um número crescente de pessoas entre empresários, executivos, acadêmicos, líderes sociais e governamentais - será enfrentar que: “a humanidade compartilha *um destino comum num planeta superpovoado nas palavras de Jeffrey Sachs*. Esse destino comum exige novas formas locais e globais de gestão, com base em valores e estratégias de cooperação, mesmo que esta visão não esteja ainda incorporada à cultura prevalecente na sociedade, nem às estratégias dos negócios, nem na educação dos futuros líderes e executivos seja por falta de percepção, seja por outras preferências e valores.

Nos últimos 75 anos, muitos países bem-sucedidos foram, aos poucos, entendendo que seus cidadãos compartilham um destino comum, frente ao qual o governo tem de desempenhar um papel ativo de garantir - às instituições e pessoas - as oportunidades e meios (educação, saúde pública e infra-estrutura básica) para

que possam participar produtivamente da vida em sociedade e para conter as perigosas interferências no meio ambiente físico.

É necessário avançar no entendimento de que o desenvolvimento de bem-estar social depende de inovações na forma de interação e cooperação entre: a dinâmica do mercado - especialmente da iniciativa privada e da participação da sociedade na gestão democrática das políticas públicas, responsáveis pela disponibilidade de bens públicos essenciais, notadamente os da infraestrutura, sem a qual não há possibilidade de desenvolvimento. A filosofia de cooperação, que defende uma economia de mercado guiada por princípios abrangentes de justiça social e manejo ambiental, tampouco, na percepção de muitos, foi estendida à sociedade global como um todo.

O BAWB-GFAL em 2011 convida os diferentes setores da sociedade civil, do sistema produtivo, de serviços e de gestão pública a identificar quais os fatores que, no momento atual, retardam ou alavancam a inovação e o progresso, assim como a escolher quais as prioridades e possibilidades de gestão harmônica entre os setores, de modo a que todos assumam a responsabilidade pelo destino comum, o que implica em iniciativas tais como: reduzir a pobreza, implementar infraestrutura, garantir um ambiente de negócios consistente, estabilidade monetária, seguridade social, disseminação de ciência e tecnologia e gestão adequada do meio ambiente, entre outras.

Vale a pena considerar alguns dados da OECD (2001) que compara a Relação dos gastos do setor público enquanto fatia de renda nacional, e os dados de Foster e Mira d'Ercole (2005) sobre o impacto de diferentes formas de governança e gestão política de três tipos de sociedades capitalistas e seus resultados ao longo do tempo:

- Estados de Bem-estar Social: Dinamarca, Finlândia, Noruega e Suécia;
- Estados de Economias Mistas (meio caminho entre o bem-estar social e o mercado): Áustria, Bélgica, França, Alemanha, Itália, e Holanda.
- Estados de Livre Mercado: Austrália, Canadá, Irlanda, Nova Zelândia, Reino Unido e Estados Unidos.

Consultados indicadores da última década constata-se que é nos estados de bem-estar social onde se percebem melhores condições para o desenvolvimento

sustentável, se comparados com os estados de livre mercado e de economias mistas.

De fato, é nestes estados que:

- a taxa de emprego versus população em idade produtiva é mais elevada;
- o PNB per capita também é mais elevado, assim como os níveis de renda;
- há redução da taxa de pobreza e uma distribuição de renda mais equilibrada;
- baixa taxa de corrupção e elevada confiança pública nas instituições governamentais;
- elevada taxa de competitividade internacional
- altas taxas de poupança nacional e equilíbrio entre despesa pública e o sistema de impostos.
- são estados que asseguram democracias em pleno funcionamento e garantem um nível muito elevado de bem-estar social para todos os cidadãos.
- além de um elevado nível de excelência tecnológica-, ha empresas que prosperam com base em alta tecnologia de informação e comunicações.
- se investe pesado tanto em *P&D* como em educação superior, e ostentam índices muito altos de patentes *per capita*.

Cresce a percepção em diferentes âmbitos de que nossa espécie e sociedade global florescerá ou perecerá, dependendo da nossa capacidade de gestão isto é, das escolhas estratégicas e modos de fazer, produzir, disseminar, desenvolver, que demonstrem ter chegado a acordos relacionados a um entendimento comum, a objetivos compartilhados, assim como aos meios práticos para alcançá-los. As pressões da escassez dos recursos energéticos, das crescentes crises ambientais, de uma população global cada vez maior, de migrações em massa – legais e ilegais -, da transferência de poder econômico e de profundas desigualdades de renda são demasiado complexas para serem deixadas à mercê das forças de mercado e da livre competição geopolítica entre nações. Requerem uma perspectiva ética que se evidencia por uma gestão ou fazer humano que busca a harmonia entre os seres vivos humanos e a biosfera que os contêm: *habitat* do qual todos dependem. Para superarmos pacificamente essas dificuldades, teremos de aprender - em escala

global - lições básicas que sociedades bem-sucedidas aprenderam, gradual e relutantemente, no interior de suas próprias fronteiras nacionais ao longo do tempo.

Cerca de meio século atrás, muitas nações começaram a reconhecer que seu ar, sua água e seus recursos terrestres também tinham de ser geridos mais intensivamente para o bem-comum de seus cidadãos numa era industrial. As áreas mais pobres das cidades não podiam ser o local de despejo dos dejetos tóxicos, porque, afinal, isso também colocava em risco os bairros mais abastados. A indústria pesada estava poluindo o ar e a água. A poluição industrial em uma determinada região poderia ser carregada pelos ventos, pelas chuvas e pelos rios centenas de quilômetros curso abaixo, destruindo florestas, lagos, pântanos e reservatórios de água.

Mesmo dentro das fronteiras nacionais de sociedades divididas, os seres humanos relutam em compartilhar responsabilidades e destinos com aqueles que estão do outro lado da linha divisória traçada pela renda, pela religião e, talvez especialmente, pela raça.

Todavia, o reconhecimento de que agora compartilhamos responsabilidades e destinos comuns terá de ser estendido em escala internacional, de modo que todos se preocupem em assegurar um mundo sustentável em todas as regiões. Pode ser que essa cooperação global hoje nos pareça utópica. No passado a cooperação global foi bem-sucedida em muitos campos, em grande parte, devido a cidadãos bem informados que apoiaram a cooperação global, ao compreender que isso vem ao encontro de seus próprios interesses e, que é vital para o bem-estar de seus filhos e dos filhos dos seus filhos. Portanto, o nosso desafio não é tanto inventar a cooperação global, mas rejuvenescê-la, modernizá-la e expandi-la.

DEPENDE DE TODOS NÓS...

Nós, como sociedade, podemos definir o rumo do nosso destino comum tornando-o sustentável; para tanto, é necessário inovar, isto é, tentar formas novas de ver, pensar, entender o contexto no qual todos, como seres humanos, vivemos: os paradoxos, dilemas e perigos, trazidos pela própria ação humana na busca do bem-estar e do desenvolvimento; a diversidade cultural com seus valores-guia que definem as preferências de gestão, e as novas formas de fazer. Parece prioritário

ampliar o nosso olhar para além da competição a fim de poder avaliar os desafios comuns que temos pela frente. A trajetória atual do mundo em termos ecológicos, sociais, demográficos e econômicos é insustentável, e se continuarmos deixando as coisas como estão, teremos de lidar com crises sociais e tecnológicas, cujos resultados podem vir a ser graves. Aderimos à percepção de Jeffrey Sachs que aponta quatro macro causas que se encontram na raiz das crises:

- Pressões humanas sobre os ecossistemas e o clima da Terra com as decorrentes mudanças climáticas, a extinção em massa de espécies e a destruição de funções essenciais que sustentam a vida.

- O ritmo rápido do crescimento da população mundial, especialmente nas regiões menos aptas a absorver o crescimento demográfico.

- A armadilha da pobreza: um sexto do mundo permanece imerso na miséria que não é aliviada pelo crescimento econômico global. Esta evidência impõe dificuldades trágicas para os próprios poderes e grandes riscos para o resto do mundo.

- No âmbito político, estamos paralisados pelo próprio processo de resolução do problema global, curvados sob o peso do cinismo, do derrotismo e de instituições ultrapassadas.

Olhando para frente, acreditamos que se fizermos uma gestão de recursos mais inteligente e maximizarmos os ganhos alcançáveis a partir da ciência e da tecnologia, poderemos encontrar o caminho de uma prosperidade capaz de tornar habitáveis todas as regiões do mundo nas próximas décadas. A prosperidade global não deve ser limitada pela diminuição de recursos naturais; a economia mundial não deve se tornar uma luta pela sobrevivência do tipo “nós contra eles”. As ameaças podem ser evitadas se cooperarmos de forma efetiva.

O convite do BAWB-GFAL;2011 é contribuir para imaginar, promover e manter um ambiente favorável para a cooperação entre os diferentes setores; desenvolver competências de *designers* de soluções de gestão em todos os campos e investir em novas formas de educação na sustentabilidade.

Atingir essas metas em escala global pode parecer impossível. Todavia, não há nada inerente à política global, à tecnologia ou à disponibilidade absoluta de recursos no planeta que nos impeça de fazer isso. As barreiras estão vinculadas a

nossa limitada capacidade de cooperar e à falta de inovação nas formas de gestão, entre outras. Precisamos de novos acordos e novas atitudes por todo o mundo, práticas que sejam compatíveis na resolução de nossos desafios globais.

Devemos ainda considerar a inovação introduzida com a nova tecnologia de informação e comunicação, que tem a propriedade de:

- fortalecer a cooperação global pela conectividade entre pessoas, organizações, países,
- facilitar o acesso à informação e disseminação em escala de mensagens e orientações vitais para milhares de pessoas em segundos;
- ampliar a capacidade de replicar conhecimentos pela educação à distância
- 4) possibilitar o controle social e a responsabilização de gestores em diferentes âmbitos.
- 5) fortalecer comunidades de interesse.

Como seres humanos, todos realizamos nosso viver em múltiplas dimensões: somos pessoas, cidadãos de um país, somos naturais de um lugar; fazemos parte de diferentes grupos culturais, científicos, educacionais, artísticos; somos executivos, empreendedores, funcionários; integramos diferentes instâncias da sociedade civil, etc. Nessa multiplicidade e diversidade de desempenho é que exercemos nosso fazer humano, e é isto o que nos configura como seres humanos éticos e responsáveis.

São estas múltiplas identidades, que no dizer de Amartya Sen, permitem que cada um de nós se conecte não somente a um local, cultura, região, religião, mas a múltiplas facetas do nosso mundo, mediante o nosso fazer e suas consequências sistêmicas em todos os âmbitos. Assim, a menor das ações que realizamos tem a potencialidade ética da construção de um mundo de bem-estar para todos, da sociedade e cultura na qual possam florescer as pessoas e sua capacidade ilimitada de inovar a cada momento. Somos um nó de inovação; na imensa teia ou rede global cooperamos com a sua construção, somos responsáveis pelos seus efeitos; logo, modelamos a sociedade e cultura em que vivemos.

Cabe então perguntar: Quais as aprendizagens que devemos realizar para construir o mundo sustentável que almejamos?

E o que fará cada um de nós neste imenso teatro cósmico em que atuamos?

Introdução ao eixo temático Sociedades Inovadoras.

Cultura, Inovação e Sociedade.

Estudos nos mostram que a cultura está profundamente ligada ao processo de formação das sociedades humanas, estabelecendo uma relação dinâmica, que acompanha o desenvolvimento dos indivíduos e das sociedades, expressando sua linguagem, valores, gestos e comportamentos.

Voltando o olhar sobre a formação das sociedades, distinguimos que sempre que os indivíduos se reuniram em uma comunidade, buscaram auto-ordenação que lhes possibilitasse se manter, se desenvolver e prosperar. Uma vez que a prosperidade e o desenvolvimento só podem vir por meio da inovação, compreendida pela substituição de formas antigas por novas formas de produzir e consumir, caracterizando então, através dessa substituição permanente por novos produtos, processos e modelos o conceito de destruição criativa, destacaram-se os indivíduos com características empreendedoras, que são os protagonistas dessas mudanças.

Tais indivíduos são capazes de lidar com as incertezas sobre os resultados de suas atividades, de deixar que seus conhecimentos posteriores se configurem em aprendizados que levam à ações acertadas, de utilizar novos conhecimentos e aplicar novos usos para conhecimentos já existentes e, acima de tudo, de se posicionar. Os indivíduos e as sociedades bem-sucedidos são os que têm coragem de tomar decisões difíceis. E tal coragem se mostra extremamente relevante no momento em que vivemos, no qual a humanidade compartilha um destino comum num planeta superpovoado.

Nos deparamos com muitos casos de sucesso ou fracasso de sociedades e empresas, que obtiveram ou não êxito e garantiram sua continuidade, através de uma tomada de decisão que se revelou brilhante ou catastrófica. Tomar decisão, entretanto, não é uma simples ação. Muitas vezes se falha por não conseguir antever o problema antes que ele ocorra, ou ainda, quando os indivíduos o percebem, buscam solucioná-lo através da falsa analogia, tentando em uma situação desconhecida, traçar analogias com situações familiares.

Tais atos falhos podem ocorrer por inúmeras razões, entre elas, por serem suas origens imperceptíveis, pela administração (seja da empresa, da cidade, da

fazenda, etc) ocorrer à distância, dificultando a visão do todo e, por fim, quando o problema toma a forma de uma tendência lenta, exemplificada pelo que é chamado de “normalidade deslizando” e “amnésia de paisagem”.

Estas últimas se apresentam como uma grande cilada para as sociedades e indivíduos inovadores, uma vez que por serem lentas e graduais, vão se infiltrando no cotidiano até serem assumidas como parte normal deste.

A incapacidade das sociedades tomarem decisões e resolverem os problemas quando estes são detectados, é um fator que pode bloquear o processo criativo e, por consequência, a inovação.

O que faz com que certas sociedades sejam mais inovadoras e bem sucedidas que outras?

Um dos motivos observáveis envolve as diferenças entre ambientes que impõem mais desafios que outros, do que a própria sociedade. Além disso, um prematuro senso de unanimidade ostensiva, supressão de dúvidas pessoais e individuais e da expressão de visão contrária, e a constante interferência do líder quando da tomada de decisão coletiva, podem gerar maus resultados. O contrário, no entanto, como a livre discussão, a criação de um espaço de segurança e conforto para o grupo fluir, a capacidade, de tomar decisão em grupo, o compartilhamento de recursos e informações e grande coordenação das partes, se mostram como elementos fundamentais para o êxito. Cooperação apresenta-se como palavra de ordem.

Há que se ter em mente, que a inovação não é pontual e concreta, assim como não é uma fórmula ou um produto que gera renda. A capacidade de inovar de uma sociedade, uma empresa ou de um indivíduo está diretamente ligada à liberdade criativa. Não adianta termos grandes centros de inovação nos quais o acesso à informação, o livre pensamento o questionamento são limitados e censurados. Tal prática resultará tão somente no fortalecimento da estrutura de poder que se esconde por baixo da arquitetura de informação e em um processo criativo e inovador aleijado.

Neste contexto o papel do gestor e seu processo de tomada de decisão se mostram cruciais para que o processo criativo flua e o sucesso seja alcançado. A gestão como hoje vemos não tem logrado êxito. E por isso o BAWB-GFAL nos

coloca a pergunta; “ em que a gestão deve inovar para responder aos desafios da sustentabilidade?”.

Tal pergunta ganha relevância, uma vez que nos é apontado que a escolha do modo de gestão de uma sociedade ou empresa pode conduzi-la a se tornar inovadora e capaz de sustentar e manter a vida. A cooperação se apresenta como a chave para o êxito em evitar as ameaças que se apresentam.

O eixo temático Sociedades Inovadoras do BAWB – GFAL pretende trazer para a discussão temas como a gestão, sociedade em rede, sustentabilidade, inovações sociais entre outros e convidou nomes de destaque para nos ajudar a analisar a sociedade que temos neste contexto globalizado e a pensar na sociedade que queremos em um futuro possível.

Introdução ao Eixo Temático Design Thinking.

Somos todos responsáveis pela direção do desenvolvimento da sociedade em que vivemos e na busca do bem-estar. Cresce a convicção de que é necessário inovar, isto é, tentar formas novas de ver, pensar, entender o contexto no qual como seres humanos, vivemos. Entender as mudanças de contexto, os riscos e oportunidades, presentes nas grandes tendências sociais e ambientais, assim como e os impactos que afetam e exigem que as pessoas de todos os setores sociais, empresariais, acadêmicos e governamentais desenvolvam novas competências e habilidades para lidar com a complexidade e ambiguidade inerente a todas e permanentes mudanças do nosso presente:

“Em que a gestão deve inovar para responder aos desafios da sustentabilidade? “

Para contribuir na busca e desenvolvimento de alternativas e de respostas a esta pergunta provocativa incluímos na programação o eixo da disciplina de Design Thinking, seus instrumentos e métodos do pensar, do conceber do criar e cocriar, num contexto onde é crítico compreender: a interdependência de toda e qualquer ação humana, as implicações globais que as ações locais têm e entender quais as bases éticas que orientam as opções e decisões: das políticas, das empresas e da sociedade.

O *designThinking* entendido como um processo de construção coletiva capaz de criar uma imagem – uma representação- de algo que ainda não existe, que

envolve complexidade e síntese. O processo não recorre apenas a dimensões críticas, analíticas, o *design thinking* caracteriza-se por juntar coisas, aspectos, processos diferentes, que acabam resultando na emergência de algo novo em meio a múltiplas variáveis e limites conhecidos ou não, que se revelam no ocorrer do processo. Nesse processo esta implicada a harmonização de valores, o enfrentamento de restrições e limites.

O convite aos participantes do BAWB-GFAL/2011 é imaginar, promover e manter um ambiente favorável para a emergência de estratégias de cooperação, conceber soluções de gestão em todos os campos e investir em novas formas de educação na sustentabilidade.

Apresentamos algumas das demandas que tem sido percebidas em diferentes âmbitos que interpelam e desafiam a gestão dos negócios, da educação, das questões sociais e das políticas públicas e que podem se beneficiar com base nessa nova disciplina de *Design*:

- *Design* sistemas sustentáveis de uso de energia, terra e recursos que previnam as tendências mais perigosas de mudança climática, extinção de espécies e destruição de ecossistemas.

- Sensibilização das pessoas para a estabilização da população mundial em oito bilhões de pessoas, ou menos, até 2050, através da redução voluntária das taxas de fertilidade.

- *Design* de estratégias para o fim da miséria até 2025, bem como maior segurança econômica no interior dos países ricos.

- *Design* de uma nova abordagem para a solução do problema global, baseada na cooperação entre as nações, no dinamismo e na criatividade dos setores não-governamentais, e especialmente de pessoas atendidas em suas necessidades.

Nossa resposta a estas e outras questões depende da visão que temos sobre inovação na forma de gestão, isto é do nosso fazer, enquanto pessoas seja como cidadãos, profissionais, educadores, etc. O BAWB-GFAL entende que estas demandas abrem novas oportunidades e sobre isto é que queremos estabelecer um dialogo produtivo que contribua para a geração de inovações em diferentes âmbitos.

Hoje temos consciência da necessidade de uma nova compreensão frente às situações complexas, incertas, paradoxais, ambíguas, únicas, onde nem o

conhecimento profissional, nem o especializado, são capazes de dar resposta ou resolver; especialmente, porque nem toda situação tem - uma e apenas uma - resposta correta. Isto requer o desenvolvimento de novas competências reflexivas, que vão além das competências instaladas e massivamente ensinadas até o presente. .

Todos ao longo da vida temos a experiência de agir como designers no campo da arte ou como designers funcionais na criação de ambientes, processos, produtos. Também pela concepção de futuros desejados, planos, políticas, arranjos reguladores, sistemas de negociação de conflitos, sistemas de educação, sistematizadores de problemas, modeladores de contextos e ambientes.

No BAWB-GFAL serão realizadas palestras que ampliem a informação e entendimento da disciplina do Design, serão apresentadas experiências em que foi utilizado o processo de design para diferentes assuntos: saúde, inovação social, educação, entre outros. Poderemos ver a realização de oficinas que abranjam os diferentes aspectos, usos, métodos do *Design Thinking* tais como:

- a metodologia do DT tanto em relação a pesquisa como as aplicações, incluindo interações coletivas, mídia social, gestão, design organizacional e ambientes sistêmicos.

- oficina de *Design Thinking* na área de formação de professores.

- inovação no âmbito empresarial e junto as cadeias de valor seja na área produtiva como na de serviços, em organizações da sociedade civil, desenvolvimento social, podendo compartilhar alguns dos mais de 50 métodos de aplicação, e a contribuição do DT no estímulo a uma cultura de inovação, formação de comunidades de prática.

- experiências da contribuição do DT no planejamento estratégico, desenvolvimento, implementação e gestão de Universidade Corporativa

- experiência sobre o papel do DT como modelo de gestão e nos processos de inovação.

Introdução ao eixo Educação na sustentabilidade

Muitas são as definições que pretendem descrever o que é conhecimento. Algumas com limitações e outras com avanços. Merece destaque o entendimento do biólogo Humberto Maturana e da psicóloga Ximena Dávila¹, que a partir de seus

estudos sobre o operar humano colocam o conhecimento como uma construção da linguagem, a partir da percepção particular de cada ser humano. Segundo Maturana e Dávila os humanos são entes dinâmicos autônomos em contínua transformação em coerência com suas circunstâncias de vida e é através da linguagem, influenciada pela emoção, que os seres humanos constroem mundos, ou seja, a linguagem coordena a coordenação de fazeres através do entrelaçamento do conversar. E como surge a educação no contexto do conhecimento?

A educação surge como um fenômeno social, fundamentado nas emoções, pensamentos, conceitos e objetivos de um grupo social, num processo histórico e relacional, criando realidades que, nesta interação constante, recria os sujeitos dela participantes. Ou seja, a educação pode ser descrita como a transformação dos seres humanos através da convivência social. A cada instante vivido nos transformamos em um fluir recursivo do conviver humano. E o que se conserva nessa transformação? Conservamos a nossa cultura e o nosso viver, orientado por valores e crenças que guiam o nosso modo de fazer e agir. A Educação aparece então como um processo de transformação e conservação que acontece em vários âmbitos.

No entanto, no início desse século nós, humanidade, entendemos que o nosso modo de fazer e agir atual não se sustenta. Isso ficou muito evidenciado pela publicação do relatório do IPCC (Intergovernmental Panel on Climate Change), documento que pontuou as consequências imprevisíveis e catastróficas das mudanças climáticas, caso não mudemos o rumo de nosso desenvolvimento, ou seja, a forma de percebermos o mundo e agirmos sobre ele.

Outro ponto importante do advento das mudanças climáticas é o fortalecimento do entendimento de que problemas complexos demandam soluções compatíveis com a magnitude dos mesmos. Ou seja, soluções reducionistas, baseadas em uma lógica cartesiana-mecanicista e instrumental não dão conta da complexidade atual, que clama por novas formas de educação.

Um exemplo disso é a proposta da educação ambiental, que apesar do mérito de ter inserido na agenda global a importância da relação harmônica dos seres vivos com o meio ambiente e da preservação ambiental, não conseguiu dar conta das mudanças necessárias para superar a complexidade da crise contemporânea. Isso por que, segundo Sterling, Tilbury e Sauv  (apud LIMA, G. 2003, p. 110) a educa o ambiental assumiu expressões reducionistas como: tratar a crise ambiental como uma crise meramente ecológica; confundir o meio ambiente com a natureza; desprezar as dimensões políticas,  ticas e culturais; apresentar uma abordagem fragmentada e acrítica da questão socioambiental; ao aplicar metodologias disciplinares, não participativas e de baixa criatividade e ao propor respostas comportamentais e tecnológicas para problemas de maior complexidade.

O exemplo da educa o ambiental nos revela um dos atuais desafios da educa o: não reduzir o foco e fragmentar o conhecimento. E por que isso   um desafio?

Um dos entendimentos   que não conseguiremos sair do problema se não mudarmos nosso jeito de ver as coisas. Fomos educados a trabalhar com certezas e verdades, em um ambiente de previsibilidade e estabilidade, e não conseguimos lidar com a complexidade do cenário atual. Nosso conhecimento fragmentado e especializado da realidade não nos permite ver a complexidade das rela es.

Como afirma Maria Cândida Moraes, fomos educados em uma ciência do passado, que produz uma escola morta, dissociada da realidade, do mundo e da vida. Uma ciência que estimula uma cultura paternalista, hierárquica, autoritária, dogmática e a presença de uma escola que exige memoriza o, repeti o, cópia, que d  ênfase ao conteúdo, ao resultado, ao produto, recompensando o conformismo, a "boa conduta", punindo os "erros" e as tentativas de liberdade e expressão. Uma escola que continua dividindo o conhecimento em assuntos, especialidades, subespecialidades, centrada no professor e na transmissão do conteúdo que, em nome da transmissão do conhecimento, continua vendo o indivíduo como uma tabula rasa, produzindo seres subservientes, obedientes, castrados em sua capacidade criativa, destituídos de outras formas de expressão e solidariedade. E uma educa o "domesticadora", "bancária", segundo Paulo Freire, que "deposita" no aluno informa es, dados e fatos, onde o professor   quem detém o saber, a autoridade, que dirige o processo e um modelo a ser seguido".

Utilizando o termo ciência do passado descrito por Maria Cândida, percebemos que a mesma influenciou também o nosso modo de administrar as organizações. Isso pode ser evidenciado nas teorias de administração clássica e científica, que preconizavam a eficiência do funcionamento da organização através de uma lógica mecânica: a organização é uma máquina controlada, ordenada, sequenciada e com pontos de resistência. Assim, tanto as empresas quanto as entidades públicas estavam organizadas em uma série de departamentos distintos, cada um com sua função específica (como marketing, finanças, compras), nos quais cada posição complementa a próxima da maneira mais eficiente possível, e as ligações são efetuadas através de um esquema de controle, no qual o “chefe” representa o ponto de resistência, coordenando as atividades e restringindo as direções que se devem tomar. Nessa opção de administração valoriza-se a unidade de comando, o controle, a previsibilidade, a centralização da autoridade e a divisão do trabalho.

No entanto, mudanças no ambiente social e de negócios geradas a partir do aumento da complexidade dos processos e da gestão da informação forçaram as organizações a se rearranjarem novamente para dar conta de sua própria existência no contexto que se configura, pautado por um novo tipo de paradigma e uma nova ciência.

Uma nova ciência que entende a natureza da construção do conhecimento a partir do operar humano. Uma nova ciência que busca harmonizar a diversidade dos vários conhecimentos. Uma nova ciência que educa os indivíduos para o entendimento de sua natureza humana, amorosa e ética.

Frente a esse contexto da nova ciência fica o desejo de conseguirmos estimular, através das palestras e das experiências dos convidados do eixo de educação na sustentabilidade, entendimentos como:

A educação ocorre em vários âmbitos através da convivência humana.

A complexidade e as consequências sistêmicas de nosso operar

A importância do agir consciente. Somos responsáveis pelo que ocorre.

O comportamento ético é decorrente do entendimento e não do conhecimento

As múltiplas realidades

A partir de indagações como:

Como acolher e harmonizar as diferentes percepções, culturas e desejos?

É possível educar para a sustentabilidade em um mundo culturalmente competitivo?

Em que a gestão, o método e o conteúdo da educação – em qualquer âmbito – devem inovar para que surja a cultura de uma sociedade sustentável?

Essas são os desejos e as indagações norteiam a construção deste eixo, o qual se propõe a trazer novos conhecimentos, novas experiências, reflexões, posições e novas metodologias sobre a formação de gestores aptos a conduzir negócios de maneira mais harmônica e sustentável inseridos em uma sociedade sustentável e inovadora. Além disso, deseja-se que as palestras, depoimentos e painéis engatilhem a consciência de que somos todos protagonistas da construção de nosso futuro comum.

ANEXO 2 - A INVESTIGAÇÃO APRECIATIVA

COOPERRIDER (2006) explica que a Investigação Apreciativa é um modelo de gestão de mudanças, adaptado de forma única aos valores, crenças e desafios de negócios que os gestores e líderes enfrentam atualmente.

Trata-se de um processo de mudanças gerenciais de larga escala que pode possibilitar que as pessoas envolvam e inspirem suas forças de trabalho altamente diversificadas e dispersas, que envolvam clientes e outros interessados no futuro dos negócios, que descubram e ampliem os pontos fortes desses negócios e vantagens estratégicas bem como equilibrem incríveis retornos financeiros com o fortalecimento das contribuições societárias.

A IA é um processo que se inicia com pontos fortes e resulta em melhorias na tripla fundamentação: pessoas, lucros e planeta.

O autor recorre ao dicionário para mostrar que **A-pre-ci-ar, v. 1.** significa o ato de valorar, reconhecer o melhor nas pessoas ou mundo à nossa volta, afirmando as forças, sucessos e potenciais passados e presentes, perceber essas coisas que dão vida (saúde, vitalidade, excelência) aos sistemas vivos. E ainda significa aumentar em valor.

COOPERRIDER (2006) traz ainda do dicionário o significado de **In-ves-ti-gar, v. 1.** como o ato da exploração e descoberta; fazer perguntas, estar aberto a ver novos potenciais e possibilidades.

Esclarecidos os termos, o autor afirma que o termo IA tem sido descrito sob uma variedade de formas: como abordagem radicalmente afirmativa à mudança que abandona completamente a gestão baseada em problemas e transforma vitalmente o planejamento estratégico, métodos de avaliação, mudança de cultura, métodos de integração em aquisições, sistemas de medição entre outros, como um paradigma de evolução consciente acionado para as realidades do novo século como o avanço mais importante em pesquisa de ação, como herdeira e descendente da visão de Maslow sobre uma ciência social positiva e como metodologia que assume a ideia da construção social da realidade para seu extremo positivo, com ênfase na metáfora e na narrativa, formas relacionadas de conhecimento, sobre linguagem e em seu próprio potencial como uma fonte da teoria geradora.

O autor acredita que embora a IA possa ser descrita de muitas maneiras, sendo uma filosofia e metodologia para liderança de mudanças, a definição que transcrevemos abaixo seja mais adequada para a prática:

A Investigação Apreciativa é uma busca cooperativa, co-evolucionária pelo melhor nas pessoas, suas organizações e pelo mundo que as rodeia. Ela envolve a descoberta sistemática do que anima uma organização ou uma comunidade quando ela é mais eficiente e mais capaz em termos econômicos, ecológicos e humanos.

Em IA a intervenção abre caminho para a investigação, imaginação e inovação. Ao invés da negação, crítica e diagnóstico redundantes, acontecem a descoberta, sonho e planejamento. A IA envolve a arte e a prática de fazer perguntas invariavelmente positivas que fortaleçam a capacidade do sistema para assimilar, prever e ressaltar o potencial positivo. Através da investigação mobilizada em massa, centenas e até milhares de pessoas podem estar envolvidas no planejamento conjunto de seu futuro coletivo.

A IA presume que toda organização e toda comunidade possuem diversas fontes de positividade ocultas e ricas, o que as pessoas falam sobre as capacidades passadas, presentes e futuras, ou a essência positiva. A IA vincula o conhecimento e a energia de seu núcleo diretamente para a organização ou agenda de mudanças da comunidade, e as mudanças nunca imaginadas são súbita e democraticamente mobilizadas.

Cooperrider (2006) afirma ainda estarmos na infância no que se refere ao uso de ferramentas de trabalho do núcleo positivo, falar sobre ele e criar nossos sistemas em alinhamento sinérgico com ele. Afirma, no entanto, que

os sistemas humanos cresceram na direção das perguntas que eles formularam insistentemente, e essa propensão é mais forte e sustentável quando os métodos e fins de uma inquirição estão correlacionados positivamente. A única ação mais importante que um grupo deve adotar para liberar o espírito humano e construir conscientemente um futuro melhor é tornar o núcleo positivo a propriedade mais explícita de todas.(p.10)

Um processo de IA é formado pelo chamado ciclo de 4 D, como mostra a figura abaixo:



Figura 3: Ciclo dos 4 D's da Investigação Apreciativa

Fonte: <http://www.catueteconsultoria.com.br/wp-content/uploads/Ciclo-4-Ds.jpg> acessado em 21/02/2012

Na fase da **Descoberta**, o objetivo é mobilizar o sistema inteiro por meio do engajamento de todos os interessados na articulação de pontos fortes e melhores práticas, identificando “aquilo que tem sido e aquilo que é”.

O **Sonho** visa criar uma clara visão voltada para resultados em relação ao potencial descoberto e em relação a perguntas do mais alto propósito como “o que o mundo está convidando a nos tornar?”.

No **Planejamento** são criadas possíveis proposições para a organização ideal, articulando um delineamento de organização em que as pessoas se sintam

capazes de participar e ampliar o núcleo positivo para concretizar o sonho recentemente expressado.

Finalmente, na fase da **Descoberta** o objetivo é fortalecer a capacidade afirmativa do sistema inteiro, possibilitando a ele construir esperança e sustentar a iniciativa por mudanças positivas contínuas e pelo alto desempenho.

No centro do ciclo está a escolha do tópico afirmativo, que é o ponto de partida e o aspecto estratégico de qualquer processo de IA.

O objetivo deste anexo é fornecer informações iniciais sobre o processo de Investigação Apreciativa. Para quem deseja se aprofundar no tema, fornecemos na bibliografia algumas sugestões de literatura.